



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

FLÁVIO SOUSA DE ANDRADE JUNIOR

**HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E BIBLIOTECAS ESCOLARES: DESAFIOS NA
FORMAÇÃO DE LEITORES**

FORTALEZA - CE
2021

FLÁVIO SOUSA DE ANDRADE JUNIOR

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E BIBLIOTECAS ESCOLARES: DESAFIOS NA
FORMAÇÃO DE LEITORES

Monografia apresentada ao Programa de Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará, como requisito final à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes.

FORTALEZA-CE

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A567h Andrade Junior, Flávio Sousa de.
Histórias em quadrinho e biblioteca escolar : desafios na formação de leitores / Flávio Sousa de Andrade Junior. – 2022.
94 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Biblioteconomia, Fortaleza, 2022.
Orientação: Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes.

1. Histórias em quadrinhos . 2. Biblioteca escolar. 3. Bibliotecário. 4. Formação de leitores. I. Título.
CDD 020

FLÁVIO SOUSA DE ANDRADE JUNIOR

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E BIBLIOTECAS ESCOLARES: DESAFIOS NA
FORMAÇÃO DE LEITORES

Monografia apresentada ao Programa de Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará, como requisito final à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes.

Aprovada em: 11 / 02 / 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^ª. Dra. Lídia Eugênia Cavalcante Lima
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Luiz Tadeu Feitosa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Eliana Lima da Silva e Flávio Sousa de Andrade, por sempre me apoiarem e acreditarem em mim.

Ao Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes, por ter aceitado me orientar neste projeto e permitir que eu tivesse liberdade para tomar as decisões, cometer erros e aprender com eles.

Ao Prof. Dr. Luiz Tadeu Feitosa e à Prof^a. Dra. Lídia Eugênia Cavalcante Lima, por aceitarem participar da banca examinadora.

Ao Felipe Ramon, por ter se oferecido para revisar o meu texto e dar sugestões de melhoria.

Por fim, aos meus amigos, em especial à Senara de Sousa, à Giovanna Fernandes, à Mariana Martins e ao Victor Hugo, que compartilharam comigo essa jornada de cinco anos na graduação.

RESUMO

Os quadrinhos compõem um sistema que se utiliza da união entre elementos textuais e imagéticos, que o torna um recurso eficiente na formação de novos leitores. Tendo isto estabelecido, esta pesquisa teve como objetivo investigar de que maneira as histórias em quadrinhos são utilizadas no contexto das bibliotecas escolares de Fortaleza-CE, a fim de trabalhar a formação de novos leitores. Além disso, foi explorada a relação que os bibliotecários escolares de Fortaleza têm com os quadrinhos, e qual a percepção destes quanto ao uso dessa mídia dentro da biblioteca. Esta pesquisa se configura como qualitativa de cunho exploratório. Para a obtenção de dados, optou-se pelo uso de um questionário elaborado na plataforma *Google Forms* e para a análise dos dados obtidos, optou-se pelo uso da análise de conteúdo. Ao todo, foram obtidas respostas de 10 participantes que aceitaram contribuir com a pesquisa. Foi identificado que as bibliotecas escolares de Fortaleza possuem quadrinhos em seu acervo e estas obras são utilizadas em atividades que, dentre vários objetivos, buscam formar novos leitores e desenvolver o hábito da leitura nos alunos. Quanto à relação dos bibliotecários com os quadrinhos, percebeu-se que estes são bastante receptivos em relação aos gibis e reconhecem sua importância, porém ainda existem certos resquícios dos conflitos históricos entre as HQs e os profissionais da educação. Conclui-se, portanto, que as histórias em quadrinhos são utilizadas no contexto das bibliotecas escolares de Fortaleza, variando de acordo com a realidade de cada uma, contudo, é possível perceber que parte dos bibliotecários ainda não possui maior familiaridade com os gibis, o que impacta na realização de atividades que envolvam esta mídia. Isto posto, é preciso questionar se esse distanciamento poderia ser amenizado caso os bibliotecários tivessem uma maior aproximação com quadrinhos durante sua formação, e se a biblioteconomia e Ciência da informação se debruçassem mais no estudo das histórias em quadrinhos.

Palavras-Chave: Histórias em quadrinhos. Bibliotecário. Biblioteca Escolar. Formação de leitores.

ABSTRACT

Comics are a system that uses the union between textual and image elements, which makes it an efficient resource in the formation of new readers. Having this established, this research aimed to investigate if comic books are used in the context of school libraries in Fortaleza-CE, in order to work on the formation of new readers. Furthermore, the relationship that school librarians in Fortaleza have with comic books was explored, as well as their perception on the use of this media within the library. This research is characterized as qualitative, exploratory in nature, to obtain data we chose to use a questionnaire prepared on the Google Forms platform and for the analysis of the data obtained, we opted for the use of content analysis. Altogether, responses were obtained from 10 participants who agreed to participate in the survey. It was identified that school libraries in Fortaleza have comic books in their collection and these publications are used in activities that, among various objectives, seek to form new readers and develop the reading habit in students. As for the relationship of librarians with comics, it was noticed that they are quite receptive to comic books and recognize their importance, but there are still certain remnants of historical conflicts between comics and education professionals. It is therefore concluded that comic books are used in the context of school libraries in Fortaleza, varying according to the reality of each one, however, it is possible to see that part of the librarians are still not very familiar with comic books, which impacts on carrying out activities involving this media. That said, it is necessary to question whether this distancing could be alleviated if librarians had a closer relationship with comics during their professional formation, and if library science and information science focused more on the study of comic books.

Key-words: Comics. Librarian. School Library. Reader Formation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - <i>Histoire de monsieur Jabot</i> de Rodolphe Töpffer.....	14
Figura 2 - O Tico-Tico.....	18
Figura 3 - Literatura Brasileira em quadrinhos nº 1.....	23
Figura 4 - A narrativa de Jack Kirby.....	27
Figura 5 - Alan Moore utiliza a metalinguagem na tira <i>Maxwell: o gato mágico</i>	28
Figura 6 - Balões diferenciando a fala dos personagens.....	29
Figura 7 - Onomatopéia representando o som de animais.....	30
Figura 8 - Onomatopéia em mangás.....	30
Figura 9 - Uso de cores diferentes nas legendas.....	31
Figura 10 - Diferença de fala entre Chico Bento e seu primo.....	45
Figura 11 - Capa da nova edição de Palestina (Joe Sacco).....	47
Figura 12 - Turma da Mônica em: o estatuto da criança e do adolescente.....	48

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AI-5	Ato Institucional número 5
BRAPCI	Base de Dados em Ciência da Informação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCA	Comics Code Authority
CDD	Classificação Decimal de Dewey
CDU	Classificação Decimal Universal
CHQ	Classificação para Histórias em Quadrinhos
COVID-19	Doença por Coronavírus - 2019
DAC/DASU	Diretoria de Atenção à Saúde da Comunidade Universitária
EBAL	Editora Brasil-América Ltda.
ECA/USP	Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
GEBE	Grupo de Estudo em Biblioteca Escolar
HQ	Histórias em quadrinhos
IFLA	International Federation of Library Associations and Institutions
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
KFS	King Features Syndicate
MEC	Ministério da Educação
MSP	Maurício de Sousa Produções
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNBE	Programa Nacional Biblioteca na Escola
PNLD	Programa Nacional Livro Didático
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UNB	Universidade de Brasília
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	QUADRINHOS: A HISTÓRIA DA 9º ARTE.....	13
2.1	As histórias em quadrinhos no Brasil.....	16
2.2	Imagem e texto: a estrutura das histórias em quadrinhos.....	24
3	FORMAÇÃO DE LEITORES E MEDIAÇÃO DA LEITURA: FAZERES DA BIBLIOTECA ESCOLAR.....	32
3.1	Quadrinhos na biblioteca escolar.....	39
3.2	Usando quadrinhos como ferramenta pedagógica e informativa.....	44
4	METODOLOGIA.....	51
4.1	Tipo de estudo.....	51
4.2	Instrumento de coleta de dados.....	53
5	DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	57
5.1	Opinião dos bibliotecários sobre histórias em quadrinhos.....	57
5.2	Organização e disponibilização das histórias em quadrinhos nos acervos.....	65
5.3	Atividades de incentivo à leitura.....	71
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
	REFERÊNCIAS.....	79
	APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DE COLETA DE DADOS.....	89

1 INTRODUÇÃO

A leitura é essencial para a sociedade como um todo, não apenas uma leitura passiva, sem desenvolver um pensamento ou observação sobre o que está sendo lido, mas sim uma leitura ativa onde se compreende o que está lendo e desenvolve um pensamento crítico acerca do assunto. Um dos primeiros ambientes em que se tem contato com a leitura é a biblioteca, em específico a biblioteca escolar.

O papel dessa unidade de informação é muito importante, pois em muitos casos é nela que o ente dá seus primeiros passos a fim de se tornar um leitor competente. É função da biblioteca escolar prover materiais que possibilitam aos usuários desenvolverem seu senso crítico, compreender aspectos culturais presentes na leitura e desenvolver gosto por essa atividade. Claro, uma biblioteca apenas não será capaz de realizar tais funções, é necessário que haja um profissional competente para tal. O bibliotecário é o profissional que deve estar à frente da biblioteca, pois por meio de suas competências, será o responsável por garantir que essa unidade de informação atinja seus objetivos dentro da escola com o máximo de eficiência.

Ao falarmos de bibliotecas logo lembramos de estantes cheias de livros, contudo essas unidades de informação já não estão limitadas a esse tipo de material, oferecendo conteúdos digitais e multimídia, revistas, jornais, computadores, dentre outros recursos e serviços que contribuem para sua atuação no ambiente em que estão inseridas.

É nesse cenário que se insere o objeto de estudo desta pesquisa: as histórias em quadrinhos (HQs). De forma simplificada, as hqs são uma mídia que une imagens sequenciais com texto, formando uma mídia com características únicas. Apesar de serem relativamente populares hoje em dia, os quadrinhos já passaram por momentos de turbulência ao longo dos anos, sendo taxados como uma leitura inferior e que afastaria os jovens da “boa leitura” presente nos livros, sofrendo censuras em países como os Estados Unidos e o Brasil. Contudo, isso não foi um fenômeno mundial, países como a França e o Japão têm os quadrinhos como uma mídia bastante presente em sua cultura. Hoje, a visão geral sobre os quadrinhos mudou, de modo que essa mídia passou a ser vista como uma forma de entretenimento e arte tal qual o cinema, a música e os livros, não mais sofrendo com os estereótipos de outrora. Apesar de ainda ser associado com um tipo de leitura voltada para crianças, é sabido que as páginas dos quadrinhos podem contar histórias para diversos públicos.

Essencialmente, os quadrinhos são uma mídia visual, que faz o uso de diversos elementos para contar histórias. Além do texto escrito e da arte, os quadrinistas fazem uso de

balões estilizados, onomatopeias, cores, narrativa quadro a quadro, virada de página, entre outros. Ao utilizar diversos elementos, os quadrinhos se configuram como uma linguagem única que tem potencial para ser utilizado como um recurso valioso na biblioteca escolar e no ensino.

Tal potencial já vem sendo notado há tempos, de modo que os quadrinhos vêm aos poucos galgando cada vez mais espaço dentro de bibliotecas. As HQs estão presentes em diretrizes nacionais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que orientam a educação nacional e nas listas de obras adquiridas pelo Programa Nacional Livro Didático (PNLD). Isso mostra que cada vez mais os quadrinhos tendem a fazer parte do material escolar na educação básica nacional e, por consequência, das bibliotecas escolares.

A reflexão sobre a presença dos quadrinhos na biblioteca escolar e de como essa mídia possui características visuais e textuais que a tornam um recurso que pode, se bem utilizado, servir como um meio de fomentar a prática e o hábito da leitura, levou à pergunta de partida da presente pesquisa: de que forma as histórias em quadrinhos são utilizadas nas bibliotecas escolares de Fortaleza-CE, de modo que contribuam para o incentivo à leitura de seus estudantes?

Para responder essa pergunta, foi necessário realizar leituras de autores conceituados da área, para subsidiar uma discussão mais aprofundada sobre as histórias em quadrinhos no Brasil e os quadrinhos de modo geral, apresentando de mais detalhes algumas de suas principais características. Também foram necessárias leituras para a biblioteca escolar, discutindo seu papel dentro das instituições educacionais, a presença e o papel de um bibliotecário nesta unidade de informação, sua situação atual no Brasil, e a presença dos quadrinhos na mesma. E por fim, foram realizadas entrevistas com bibliotecários de escolas de Fortaleza, a fim de compreender o cenário regional no tocante ao uso dos quadrinhos na formação de leitores.

Para nortear a pesquisa, foram elaborados objetivos geral e específicos. Objetivo geral: Averiguar se as histórias em quadrinhos são utilizadas nas bibliotecas escolares de Fortaleza, de maneira que sirvam como uma ferramenta no incentivo à leitura e formação de novos leitores. Objetivos específicos: 1) Discorrer sobre a origem das histórias em quadrinhos, sua evolução e aspectos técnicos; 2) Identificar por meio da literatura disponível a existência de relatos sobre o uso de quadrinhos em escolas e centros de ensino, de modo a fomentar o incentivo à leitura; 3) Verificar a visão dos bibliotecários quanto ao uso das HQs como ferramenta de incentivo à leitura.

Nos capítulos seguintes, dois e três, será apresentado o referencial teórico da pesquisa, embasando a discussão acerca das histórias em quadrinhos e da biblioteca escolar. Em sequência, o capítulo quatro abordará a metodologia utilizada, seguida pelo capítulo cinco com a apresentação e análise dos resultados encontrados e finalizando com uma conclusão, no capítulo seis, acerca dos achados da pesquisa.

2 QUADRINHOS: A HISTÓRIA DA 9º ARTE

Nos países de língua inglesa, os quadrinhos passaram a ser conhecidos como “*comic*” dado ao teor predominantemente humorístico que as histórias tinham no início do século XX. Na França, eles são denominados de “*bande dessinée*”, o nome vem do formato original de publicação no país, em tiras (“*bande*”) de jornal. Em Portugal, o termo adotado para quadrinhos é uma tradução do termo Francês, “*banda desenhada*”. Na Itália, o nome usado é “*fumetti*”, se referindo aos balões de fala e pensamento dos quadrinhos. Na Espanha são chamados de “*tebeos*”, nome derivado de uma publicação infantil. Nos países latino-americanos os quadrinhos são conhecidos como “*historietas*”. O Brasil, após algumas controvérsias consagrou o uso do termo “*histórias em quadrinhos*”, apesar de leitores antigos utilizarem o nome “*gibi*” (VERGUEIRO, 2005).

Falar da origem das histórias em quadrinhos é algo complexo, depende muito de para onde se está olhando. Para Vergueiro, os quadrinhos, enquanto linguagem gráfica, tem sua ancestralidade na pré-história, com o ser humano da época retratando por meio de desenhos nas paredes das cavernas, sua vida cotidiana e os animais que caçava (VERGUEIRO, 2005). Esse fenômeno evoluiu, passando pelos hieróglifos egípcios, retratando a cultura daquele povo, seu modo de vida e o mundo ao redor. Feijó (1997 *apud* XAVIER, 2017) argumenta que as narrações utilizando arte sequencial aparecem desde a antiguidade, podendo ser encontradas nas tapeçarias, painéis pintados, mosaicos, vitrais, etc. Além do ponto de partida apresentado por Vergueiro, também é possível olhar para a origem dos quadrinhos, mais especificamente o moderno, a partir da prensa de Gutenberg e do desenvolvimento da xilogravura.

Rodolphe Töpffer e Wilhelm Busch são dois artistas europeus que Moya (1987) cita como exemplos de figuras precursoras na história dos quadrinhos europeus. Töpffer publicou uma dúzia de imagens sob o título *Histoires en Estampes* (1846-1847), além de outras obras como *Histoire d'Albert* (1845) e *Histoire de Monsieur Cryptogame* (1846). Busch foi autor *Max und Moritz* (1865), traduzido no Brasil para “*Juca e Chico*”.

De muitas maneiras, o pai dos quadrinhos modernos é Rodolphe Töpffer, cujas histórias com imagens satíricas, iniciadas em meados do século XIX, empregavam caricaturas e requadros - além de apresentar a primeira combinação interdependente de palavras e figuras na Europa. (McCloud, 2005, p. 17)

Nessa época, os quadrinhos não possuíam seus famosos balões e o texto aparecia embaixo dos quadros (Figura 1).

Figura 1 - Histoire de monsieur Jabot de Rodolphe Töpffer.



Fonte: BD 2021 LA FRANCE AIME LE 9E ART (2022)¹

Os quadrinhos se aproximam do seu formato atual durante uma disputa dentro do mercado editorial de jornais, entre Joseph Pulitzer e William Randolph Hearst (MOYA, 1977). É no palco dessa disputa do jornalismo moderno do século XIX, que surgem as tiras de jornal nos Estados Unidos. Pulitzer era *publisher* no *New York World* e Hearst era proprietário do *The New York Journal*. Isso levou ambos a disputarem o domínio da distribuição de jornais no território americano. Pulitzer tinha um trunfo, os suplementos dominicais que acompanhavam os jornais, neles era publicada a tira em quadrinhos *The Hogan's Alley*, protagonizada pelo *Yellow Kid* (Menino Amarelo). O personagem criado por Richard Felton Outcault em 1896, era um garoto sorridente de feições asiáticas, trajado com uma camisola amarela e vivia em um cortiço (GUEDES, 2017). Ao evoluir de uma imagem única para uma sequência de quadros, acrescentar balões de fala na narrativa e ser produzido de forma contínua como produto de comunicação de massa, a tira do “Menino Amarelo”, foi alçado ao status de primeira história em quadrinhos (XAVIER, 2017 *apud* FEIJÓ, 1997). Os suplementos dominicais, junto com as publicações *pulps*, são os precursores das histórias em quadrinhos. Guedes (2017, p. 25) explica que os *pulps*

eram publicações de papel barato, a partir da polpa de celulose, que traziam em histórias em prosa e uma ou outra ilustração. Os temas eram variados e

¹ Disponível em:

<https://www.bd2020.culture.gouv.fr/actualites/histoire-acceleree-de-la-bande-dessinee-le-9e-art-en-30-dates-cles-de-1830-a-1928>. Acesso em: 17 jan. 2022.

não apenas sobre crimes, como se acostumou a afirmar: policial, aventura, ficção científica, suspense e a dobrinha espada e feitiçaria.

Diferente das tiras de jornal, os *pulps* eram considerados uma literatura marginal e de pouca relevância, entretanto, diversos escritores ganharam bastante destaque anos depois e suas obras continuam sendo republicadas até hoje, como Robert E. Howard (1906-1936), criador de “Conan, o bárbaro” e H.P. Lovecraft (1890-1937), criador dos “Mitos de Cthulhu”.

Nos primeiros 20 anos do século XX, predominavam os quadrinhos estilizados, as histórias possuíam um teor essencialmente humorístico e com cenários bem elaborados, buscando retratar a natureza e os animais (XAVIER, 2017). Na década de 1930, foram criados personagens icônicos nas tiras de jornal como: *Dick Tracy* (1931) de Chester Gould, *Flash Gordon* (1934) de Alex Raymond e *O Fantasma* (1936) criado por Lee Falk e Ray Moore. Naquela época, o formato do *comic book* não possuía um padrão estabelecido, podendo ser fino, comprido, largo, achatado ou mesmo no formato tablóide (GUEDES, 2017). Já na segunda metade da década, especificamente em 1938, tem início o que hoje é conhecida como a “Era de ouro dos quadrinho”, essa data é marcada pela primeira aspiração do “Super-Homem”, na *Action Comics 1*, escrita por Jerry Siegel e desenhada por Joe Schuster. Logo no ano seguinte, Bill Finger e Bob Kane criaram o “Batman”, sendo publicado na *Detective Comics 27* (GUEDES, 2017). Nos anos 1940, a onda do gênero de super-heróis continuou e novos personagens surgiram nas páginas dos quadrinhos. O “Capitão Marvel” (1940) é criado por C.C.Beck e Bill Parker, “Capitão América” (1940) por Joe Simon e Jack Kirby, a “Mulher Maravilha” (1941) por William Moulton Marston com H. G. Peter e Elizabeth Marston e “*The Spirit*” (1940) de Will Eisner.

Nos anos 50, os quadrinhos passaram a questionar a sociedade sobre aspectos filosóficos e sociopsicológicos, e é nesse contexto que Charles Schultz cria os *Peanuts* (Minduim ou Turma do Charlie Brown), influenciado pela filosofia existencialista que surgiu com o movimento artístico “pop-art” que teve inspiração nas Hqs e na publicidade (XAVIER, 2017). Ainda nessa década, os quadrinhos passaram por um processo de autocensura nos Estados Unidos. Guedes (2017, p. 84) conta que “a solução para evitar que a censura fosse imposta às revistas, as próprias editoras criaram o famigerado Comics Code Authority (CCA), nada menos do que um código de autocensura das revistinhas, proposto pelos donos das editoras DC, Archie e Atlas.”

Nos anos 60, foram marcados pelo movimento jovem da contracultura, contestando valores tradicionais. Os quadrinhos começaram a tomar um viés mais *underground*, explorando temas considerados tabus. Uma das características foi o surgimento de

personagens femininas de destaque, como um reflexo do movimento feminista. Durante a década de 1970, os quadrinhos passaram a serem julgados do ponto de vista estético e considerados “a grande manifestação artística do nosso século” (CAMPOS; LOMBOGLIA, 1984, p. 13).

Os anos 80 foram marcados por um forte amadurecimento dos *comics* de super-heróis, que passaram a explorar a violência e a desconstrução do gênero. Em “Cavaleiro das trevas”, Frank Miller apresenta uma versão modernizada do Batman. Alan Moore escreve “Watchmen” e “V de vingança”, trazendo uma releitura dos super-heróis. Nos anos 90 os quadrinhos passaram a ser mais bem aceitos no mercado, ganhando espaço nas livrarias com edições encadernadas e de luxo, as *Graphic Novels*. Nesse período, houve uma explosão mundial dos mangás, que se tornou um forte concorrente dos *comics* (XAVIER, 2017).

A virada do milênio é marcada pela explosão de adaptações cinematográficas dos quadrinhos. O avanço tecnológico permitiu o desenvolvimento de filmes com maior qualidade de produção dando mais realismo às façanhas dos personagens (XAVIER, 2017). O valor dessas produções atingiu um patamar altíssimo e o sucesso de bilheteria deixou o mercado saturado, apenas em 2013 foram lançadas 12 adaptações de quadrinhos com produções americanas e 6 na Europa (CODESPOTI, 2017).

Quando abordamos a história dos quadrinhos com uma visão mais generalista, invariavelmente o foco recairá sobre os *comics* americanos, sendo essa uma indústria que possui forte disseminação de seu histórico por meio de documentários, além da forte influência que suas HQs e adaptações cinematográficas tem no Brasil. Com isso em mente, considerou-se necessário dar ênfase à incorporação das histórias em quadrinhos na cultura brasileira, além de discorrer sobre a produção nacional, nomes de destaque e o cenário atual, sendo este último de grande importância para a discutir o uso das HQs como ferramenta da biblioteca escolar no incentivo à leitura e formação de novos leitores.

2.1 As histórias em quadrinhos no Brasil

No Brasil, o autor Angelo Agostini é considerado o pioneiro das histórias em quadrinhos nacionais. O desenhista ítalo-brasileiro criou obras como “As aventuras de Zé Caipora” e “As Aventuras de Nhô Quim ou Impressões de Uma Viagem à Corte”, esta última sendo considerada a primeira HQ brasileira. (CARDOSO, 2013). A data de publicação de sua obra, 30 de janeiro 1869, marca o dia do quadrinho nacional (CARDOSO, 2013). Agostini também colaborou com publicações como: O Mosquito, Revista Ilustrada e O Tico-Tico.

Apesar de sua importância, há controvérsias quanto ao pioneirismo de Agostini. Em 15 de outubro de 1855, na “Brasil Ilustrado”, Sebastien Auguste Sisson, Litógrafo imperial, publicou uma história em quadrinhos com o título “Namoro, quadros ao vivo” (VARGAS, 2019).

Apesar do pioneirismo, Agostini é pouco reconhecido no país e fora dele. Oliveira (2006) conta em sua tese que, em 1984, um grupo de intelectuais resolveram homenagear Adolfo Aizen pelo lançamento de um jornal voltado exclusivamente para quadrinhos em 1934, o Suplemento Infantil.

A homenagem planejada pelos acadêmicos se materializaria na apresentação de um projeto de lei, ao Congresso Nacional, instituindo o dia 14 de março como o Dia das Histórias em Quadrinhos, em alusão ao cinquentenário do Suplemento Juvenil. A justificativa era de que a data marcaria a primeira publicação de histórias em quadrinhos no Brasil (OLIVEIRA, 2006, p. 10).

Dentre as grandes contribuições de Agostini, a revista “O Tico-Tico” para a qual ele contribuiu, é um marco na indústria editorial brasileira, sendo a publicação periódica mais longeva voltada para o público infantil do país, sendo editada ao longo de 56 anos (VERGUEIRO; SANTOS, 2008). A revista foi lançada em 1905 e inicialmente trouxe em suas páginas material estrangeiro vindo da Europa e dos EUA. Foi da HQ americana “Box Brown”, batizada no Brasil de “Chiquinho”, que veio o grande destaque da publicação.

Criação de Richard Felton Outcault, o garoto, originalmente de classe alta, aqui adquiriu modos do povo, vivendo aventuras ao lado de um menino de nossa realidade social mais popular, o Benjamin, que era de origem africana – personagem criado por um dos autores brasileiros que continuaram a obra de Outcault no País (VERGUEIRO; SANTOS, 2008).

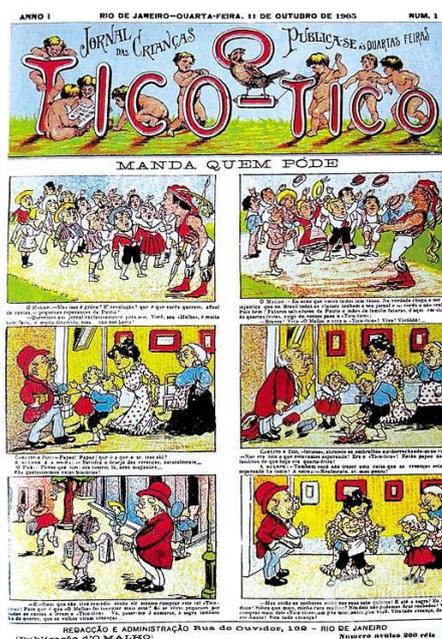
Além de Box Brow, outros personagens de destaque foram publicados na revista foram: “Popeye”, de Elzie Crisler Segar; “Gato Félix”, de Pat Sullivan; *Little Nemo in Slumberland*, de Winsor McCay (MOYA, 2003 *apud* VERGUEIRO; SANTOS, 2008).

Outras publicações do tipo seguiram na esteira de “O Tico-Tico”. Na década de 1920 surgiram publicações como: Revista infantil; A Gazetinha; o tabloide de quadrinhos Mundo infantil. Já na década de 1930, surgiram o “Diário Carioca” e o “Suplemento de Domingo”. Contudo, foi o “Suplemento Juvenil” que deu início a indústria editorial dos quadrinhos (GONÇALO JUNIOR, 2014).

Roberto Marinho, jornalista, fundador e proprietário (1925 - 2003) do grupo Globo, percebeu o potencial dos quadrinhos como mídia de massa quando enviou Adolfo Aizen, um de seus repórteres, para os Estados Unidos em 1933. Foi nessa viagem que Aizen teve contato

com as histórias em quadrinhos americanas, ficou fascinado pelo formato, histórias e decidiu trazer a ideia para o Brasil e Marinho. Porém, este rejeitou a proposta, levando Aizen a procurar João Alberto Lins de Barros, diretor do jornal “A Nação”, e apresentou a ideia de publicação de material estrangeiro. Lins de Barros aceitou e criou um suplemento para cada dia útil da semana, seguindo os moldes do *comic book* norte-americano (GONÇALO JUNIOR, 2004). Eis que no dia 14 de março de 1934 é publicado o “Suplemento infantil”, permeando o material estrangeiro no Brasil. Foi por meio dessa publicação que o leitor brasileiro da época teve contato com as aventuras de personagens como “Flash Gordon”, “Mandrake” e “Jim da Selva” (LACHTERMACHER; MIGUEL, 1984). Após o rompimento com o jornal “A Nação”, a publicação passou a se intitular de “Suplemento Juvenil”.

Figura 2 - O Tico-Tico.



Fonte: Guia dos quadrinhos (2022)²

Roberto Marinho, vendo o sucesso da publicação de Aizen que em 1937 já estava lançando um segundo título, “O Mirim”, decidiu começar uma própria, a qual recebeu o título de “O Globo Juvenil” e teve seu primeiro número publicado em 12 de junho de 1937. Assim como as publicações de seu concorrente, Marinho licenciou tiras distribuídas pela *King Features Syndicate* (KFS). Em 1938, Aizen lançou “O Lobinho” e no ano seguinte, Marinho lançou “O Gibi” (SANTOS, 2012 *apud* Neiva, 2017). A publicação popularizou o termo *gibi* como sinônimo das histórias em quadrinhos no Brasil.

² Disponível em: <http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao/tico-tico-o-n-1/ti173100/24467>. Acesso em: 17 jan. 2022.

No início da década de 1940, o jornalista Assis Chateaubriand lançou a revista “O Gury”, sendo publicada no jornal “Diário da Noite”. Ainda nessa época, surgiram as primeiras HQs com texto e arte feita por brasileiros, embora ainda fosse possível perceber as influências do estilo estrangeiro, em especial do americano (LACHTERMACHER; MIGUEL, 1984). Em 1945, Aizen fundou a Editora Brasil-América Ltda. (EBAL), publicou títulos como “O Heroi” (sem acento), “Superman” e “Edições Maravilhosas”. Esta última publicação, trazia adaptações de obras literárias brasileiras (LACHTERMACHER; MIGUEL, 1984). Na época, os quadrinhos já eram vistos como má influência por religiosos e educadores.

Jayme Cortez foi um importante quadrinista Luso-Brasileiro. que veio para o Brasil em 1947 e adaptou “O Guarany” de José de Alencar para o formato de tiras diárias no jornal “Diário da Noite”. Antes disso, em Portugal, Cortez trabalhou na revista “O mosquito”, onde lançou seu maior sucesso no país “Os 6 terríveis” (GUERRINO, 2020).

“Cortez tornou-se mestre de gerações de artistas brasileiros, influenciados pelo seu método honesto de trabalho, usando modelos vivos, desenhando animais diretamente no zoológico de Vila Maria [...], batalhando pela nacionalização dos quadrinhos, já que o problema era o mesmo que existia com os quadrinhos portugueses: a invasão dos *comics made in USA*.” (MOYA, 1987, p. 170).

Cortez também fez parte da editora “La Selva”, que publicou quadrinhos de terror nos anos 50, seu principal título do gênero era “O Terror Negro”. A publicação se tornou uma das mais vendidas da época, fato que despertou a ira do jornalista Carlos Lacerda, que criticou a publicação da *La Selva* no jornal “Tribuna da Imprensa” (JORNAL DA ABI, 2011). Nessa década, os quadrinhos no Brasil eram alvos de campanhas de moralização e restrições de publicação por parte de jornalistas como Lacerda ou por políticos como Armando Leite (VARGAS, 2015).

Embora os quadrinhos nacionais passassem por esse período complicado, em 1951 Jayme Cortez, Álvaro de Moya, Reinaldo de Oliveira, Miguel Penteado e Syllas Roberg organizaram a primeira Exposição Internacional de Histórias em Quadrinhos, realizada na cidade de São Paulo. A exposição colocou o Brasil como pioneiro mundial no estudo de quadrinhos como comunicação de massa. O evento exibiu didaticamente páginas originais de grandes quadrinistas como: Will Eisner (Spirit), Alex Raymond (Flash Gordon), Milton Caniff (Terry e os piratas), entre outros (JORNAL DA ABI, 2011; GUERRINO, 2020). Embora seja a primeira exposição internacional de quadrinhos, outros eventos do tipo já haviam ocorrido anos antes nos Estados Unidos, na França e na Itália.

No final da década de 1950, Maurício de Sousa começa a publicar as primeiras tiras de “Bidu”, na Folha de São Paulo. Devido ao sucesso das tiras, Bidu foi o primeiro personagem de Maurício a ganhar um título próprio, sendo publicado em 1960, fez tamanho sucesso, que foi o primeiro personagem de Maurício a ganhar uma revista própria, publicada pela editora Continental (VERGUEIRO, 1999). Posteriormente, Maurício de Sousa começa a expandir seu núcleo de personagens com “Mônica” (1963), “Cebolinha” (1960), “Cascão” (1961), entre outros. O sucesso de seus personagens foi tamanho, que lhe permitiu fundar um estúdio próprio, a Maurício de Sousa Produções (MSP).

O sucesso de suas revistas abriu muitas avenidas para Maurícios de Sousa. Seus personagens são correntemente utilizados para o *merchandising* dos mais diversos tipos de produtos, de massa de tomate a fraldas e roupas infantis. Ele já produziu vários filmes e suas revistas estão também sendo editadas na França, Filipinas e Itália. Em 1990, ele abriu o primeiro parque temático com seus personagens na cidade de São Paulo, [...]. Atualmente, ele se desdobra na direção de uma empresa de razoáveis dimensões, a Maurício de Sousa Produções Artísticas, com mais de 300 trabalhadores produzindo histórias em quadrinhos, material de publicidade, cartuns, etc. Ele é, sem dúvida, o mais conhecido e bem sucedido dos quadrinhos brasileiros (VERGUEIRO, 1999, p. 3).

Quando o assunto é quadrinhos, a MSP é de fato uma gigante do mercado nacional, competindo com quadrinhos americanos e mangás. O estúdio ainda conta com suas publicações voltadas para o público infantil, e nos últimos anos, expandiu suas publicações com o selo “Turma da Mônica Jovem”, para o público adolescente, e “Graphic MSP”, com direcionamento para o público jovem-adulto.

Na virada da década de 1950 para 1960, Ziraldo criou o Pererê, personagem que era “uma espécie de diabo travesso do folclore brasileiro, apresentado como um menino tanto nos cartuns como nas histórias em quadrinhos, nos quais aparecia sempre acompanhado por uma variedade de personagens com características brasileiras bem evidentes[...]” (VERGUEIRO, 1999, p. 1). O personagem tinha uma revista própria, foi publicado dentro do período de 1960 a 1964, e alcançou a marca de 43 edições. A publicação foi cancelada em 1º de Abril, coincidindo com a data do golpe militar (JORNAL DA ABI, 2011). Contudo Vergueiro (1999) aponta que o real motivo da interrupção da série foi econômico e não político.

Em 1961, no início do mandato de Jânio Quadros, é criado o código de ética dos quadrinhos nacionais. As editoras EBAL, Rio Gráfica, Abril e O Cruzeiro se uniram para criar a versão brasileira do CCA, aplicado nos Estados Unidos na década anterior, e assim como sua versão norte-americana, o Código de Ética tinha como alvo as editoras que publicavam quadrinhos de terror, como La Selva e Outubro. O objetivo era aplacar a ira dos religiosos e

educadores (JORNAL DA ABI, 2011; VARGAS, 2015). A partir de então, o código passou a ser um elemento recorrente nas capas de gibis brasileiros.

Durante o período da ditadura militar no Brasil (1964 - 1985), o país sofreu com fortes processos de censura e ataques à liberdade de expressão, especialmente a partir de 1968, ano em que foi instaurado o Ato Institucional número 5 (AI-5), decreto que oficializava a censura nos meios de comunicação de massa. Embora as histórias em quadrinhos não tivessem sido diretamente atingidas por essa repressão, elas sofreram influência do contexto histórico, com artistas buscando publicar seu material em veículos alternativos à imprensa tradicional (SANTOS; VERGUEIRO, 2010). Nesse período, surgiram publicações como “O Pasquim” (1969), um seminário que reuniu intelectuais, jornalistas e desenhistas como Jaguar, Ziraldo e Henfil, “O Bicho” (1975) e “Balão” (1972). Esta última foi idealizada por alunos dos cursos de arquitetura e comunicação, entre eles estavam Luiz Gê e Laerte Coutinho (SANTOS; VERGUEIRO, 2010).

Indo na contramão de toda a censura e preconceito que afetavam os quadrinhos desde os anos 1950, nos anos 1970 existe um início ainda tímido da pesquisa científica sobre quadrinhos, que só se desenvolve propriamente nos finais dos anos 90 e início dos anos 2000 (CALLARI; GENTIL, 2016). Contudo, a década de 70 ainda marca uma época importante entre os quadrinhos e a academia, com a publicação de obras importantes como “Bum! A explosão criativa dos quadrinhos”, de Moacir Cyrne, publicado em 1974 e “Shazam”, de Álvaro de Moya, publicado em 1977.

Na década de 1980, os quadrinhos nacionais foram marcados pela popularização de publicações voltadas para um público adulto, até então o mercado era dominado pelos quadrinhos de super-heróis americanos, Disney e Turma da Mônica. Em grande parte influenciados pelas HQs da década anterior, quadrinistas como Laerte Coutinho, Angeli, Luiz Gê e Glauco, publicaram cartuns, charges, além de gibis como “Chiclete com banana” (1985) e “Circo” (1986) que alcançaram relativo sucesso, incentivando outras publicações voltadas para o público jovem e adulto (SILVA, 2002). Embora fossem fortemente influenciados pelos quadrinhos com teor politizado da década anterior, as publicações emergentes de meados daquela década se diferenciavam por apresentar em seu conteúdo temas mais relacionados com a vida cotidiana, e por estarem inseridas no mercado comercial, tendo que se adequar às restrições. Logo foi averiguado a existência de um mercado para esse tipo de publicação e “na medida em que esses quadrinhos se tornaram famosos, algumas grandes editoras tais como a Globo e Abril, começaram a publicar quadrinhos para adultos baseados em material importado” (SILVA, 2002, p.13).

Os anos 1990 e início dos anos 2000 foram marcados pela invasão dos mangás no ocidente. Luyten (2012) comenta em seu livro que o mangá impresso, antes restrito a um seleto grupo formado por admiradores pesquisadores, passou a ser mais conhecido por causa de suas adaptações animadas, os “animes”, que chegaram nos anos 90 aos canais de televisão e cinemas.

Embora a explosão dos mangás no Brasil só tenha começado de fato no final do ano 2000, com o início da publicação de “*Dragon Ball*” e “*Cavaleiros do Zodíaco*” pela editora Conrad, quadrinhos japoneses já haviam sido publicados no país. Inicialmente, tivemos quadrinistas nipo-brasileiros publicando HQs com o estilo do mangá, como Julio Shimamoto que produziu histórias de terror no anos de 1950 (LUYTEN, 2012), e na década seguinte Minami Keizi que publicou “*Tupãzinho, O guri atômico*”, personagem que tinha influência de *Astro Boy* de Osamu Tezuka (NAGADO, 2011). Nos anos 1980, foram publicados mangás como “*Akira*” e “*Lobo Solitário*”, no entanto, nessa época as editoras publicavam os quadrinhos nipônicos com o sentido de leitura ocidental (da esquerda para a direita) e não no sentido oriental (da direita para a esquerda) como é na publicação original (MOLINÉ, 2004 *apud* MIOTELLO; MUSSARELLI, 2016).

Após esse período conturbado, com atrasos e cancelamentos das publicações de mangás, esses quadrinhos conseguiram se firmar no Brasil e até hoje estão presentes nas bancas de jornal e *comic shops*, sendo publicados por diversas editoras.

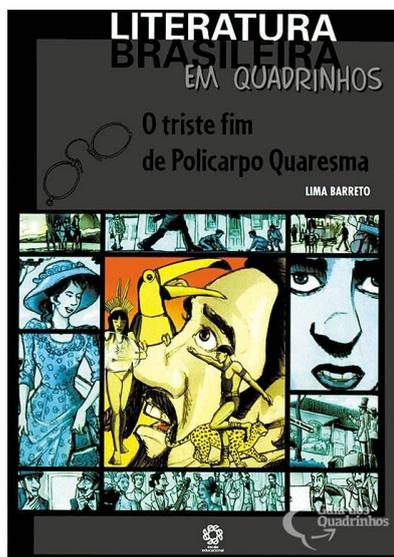
Ainda no início dos anos 2000, ocorreu o retorno de um movimento popular na década de 40, a quadrinização de obras literárias brasileiras. Essa prática tomou vulto a partir da segunda metade da década,

na primeira [...] destacam-se o livro *Contos em Quadros*, adaptação em quadrinhos de três contos de escritores brasileiros: *Pai contra mãe* (Machado de Assis), *O Bebê de tarlatana rosa* (João do Rio) e *Apólogo brasileiro sem véu de alegoria* (Alcântara Machado), realizada por Célia Lima e J. Rodrigues para a Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora (VERGUEIRO, 2007, p. 15).

Naquela época, ocorreram mudanças significativas na educação brasileira, os quadrinhos foram incluídos nos PCN, sendo consideradas como uma alternativa de complemento didático no ensino, o que segundo Vergueiro (2007), pode ter contribuído para o aumento das quadrinizações de obras literárias. Ainda de acordo com Vergueiro (2007), a Editora Escala Educacional, publicou a série “*Literatura Brasileira em quadrinhos*”, com o intuito de “traduzir” para a linguagem dos quadrinhos, obras nacionais consagradas. A série se iniciou em 2005 e se estendeu até 2014, publicando ao todo 19 números, nos quais podem ser

encontradas a quadrinização de obras como: “O triste fim de Policarpo Quaresma” de Lima Barreto, “Memórias Póstumas de Brás Cubas” de Machado de Assis e “O Cortiço” de Aluísio Azevedo.

Figura 3 - Literatura Brasileira em Quadrinhos n° 1.



Fonte: Guia dos quadrinhos (2022)³

Hoje, o mercado de quadrinhos nacional está diante de um cenário promissor, mas também preocupante. Do ponto de vista criativo, o mercado está em expansão, novas editoras surgiram na última década, trazendo para o público brasileiro obras estrangeiras consagradas e também dando espaço para os quadrinistas nacionais. Além das editoras, plataformas de financiamento coletivo como o *Catarse*, tem contribuído com o mercado nacional, permitindo que autores independentes possam viabilizar seus projetos, que antes só seriam possíveis por meio de uma editora ou pela venda em eventos. Editoras de pequeno porte também têm utilizado a plataforma para viabilizar suas publicações.

No tocante aos quadrinhos em meio digital, é notável o papel de divulgação que as mídias sociais proporcionam para as editoras, mas principalmente para autores independentes que publicam seus conteúdos nessas plataformas, o que possibilita uma divulgação ampla e rápida. Em geral, o conteúdo presente nas mídias sociais são tirinhas e charges, com viés humorístico, críticas políticas e sociais. O grupo Dragões de Garagem, por exemplo, publica desde 2016 a série “Cientirinhas”, uma tira feita em parceria com o cartunista Marco Merlin, que mistura humor e conhecimento científico. Inicialmente, o conteúdo foi publicado no blog

³ Disponível em:

<http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao/literatura-brasileira-em-quadrinhos-n-1/li317100/80780>. Acesso em: 17 jan. 2022.

oficial do grupo, mas logo migrou para o perfil no *Instagram* e em 2021, um compilado de todas as tiras foi publicado no formato impresso.

Além do contexto das mídias sociais, algumas editoras têm investido na publicação de quadrinhos digitais, a Conrad tem apostado bastante neste segmento, em especial nas obras nacionais como: “Mayara & Annabelle” (2020), “Traje de rigor” (2020), “Duo.tone” (2020), “Alho poró” (2020). Em 2015, foi criado o *Social Comics*, uma plataforma similar à *Netflix*, porém voltada para quadrinhos. O serviço possui em seu catálogo mais de 3000 títulos, variando entre nacionais, estrangeiros e publicações próprias, além de 55 editoras (MARINO, 2017). Em uma entrevista concedida à autora, Samir Naliato, assessor de imprensa do *Social Comics*, afirma que “em cerca de dois anos foram lidas 4 milhões de páginas dos mais de 750 artistas disponíveis no site” (MARINO, 2017, p. 07).

Apesar do cenário promissor, o mercado de quadrinhos já está em crise há alguns anos. Dentre os fatores que favoreceram o cenário atual, cita-se o aumento no preço do papel (PORTO, 2021), desvalorização do real frente ao dólar (MOTA, 2020), a elitização das publicações e a evasão de leitores, visto que atualmente os quadrinhos tem que competir com jogos, cinema e mais recentemente, a *Netflix* (SOLLITTO, 2021). Este último fator tem impacto na tiragem dos quadrinhos e por consequências em seu preço unitário, tornando esse material menos atrativos e dificultando a renovação e retenção do público. Mesmo diante desta realidade desafiadora, o mercado está sobrevivendo e produzindo quadrinhos de variados tipos, formatos e gêneros, contemplando desde o leitor infantil até o adulto.

2.2 Imagem e texto: a estrutura das histórias em quadrinhos

Cognitivamente, a leitura de histórias em quadrinhos é bastante singular e rebuscada. Ao ler um gibi, o leitor transita intuitivamente por uma sistema informativo linear, da esquerda para a direita, da mesma forma que é realizada com livros ou sequenciais imagéticos. Para Borges (2009), os quadrinhos são um material riquíssimo para a leitura, pois há uma relação de semiose entre o verbal e o não-verbal, onde o texto e a arte precisam ser relacionados para a construção de sentido durante o processo de leitura.

A criança e o adulto precisam desvendar a relação entre os signos não-verbais (balão, quadrinho, expressões dos personagens, cenário, onomatopéias, tempo), o que se constitui numa atividade lingüístico-cognitiva, para acompanhar a progressão temporal quadro a quadro e tecer a narrativa das histórias em quadrinhos.

[...]

Ao ler uma história em quadrinhos, o sujeito pode ativar as funções psicológicas superiores da atenção, percepção, memória e antecipação, entendidas como recursos para a competência lingüístico-cognitiva da progressão, além de fazer inferências e estabelecer uma relação entre as semioses do texto, apenas a partir do não-verbal, já que não existem palavras para encaminhar o processo de construção do significado. O leitor, para construir o significado, precisa desenvolver, então, um esforço cognitivo no sentido de preencher as lacunas deixadas pelo gênero e reconstruir a narrativa (BORGES, 2009, p. 07).

Dessa forma, antes de tratar propriamente da linguagem única dos quadrinhos, cabe aqui uma breve discussão sobre o conceito deste tipo de arte. Por possuírem diversos elementos em sua composição, as HQs são relativamente complexas de serem conceituadas, o que não impediu que diversos pesquisadores da 9ª arte buscassem uma definição para tal. Will Eisner (2010) define os quadrinhos como a disposição impressa de arte e balões em sequência, sendo assim uma arte sequencial.

Scott McCloud (2005, p. 9), por sua vez, define os quadrinhos partindo da concepção de Eisner e expandindo o conceito de arte sequencial para “imagens pictóricas e justapostas em sequência deliberada, destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador.” A definição de McCloud desqualifica os *cartuns*, que embora possuam relação com as histórias em quadrinhos, “[...] não são a mesma coisa! Um é uma abordagem cinema -- um estilo, se você preferir -- enquanto o outro é um meio de comunicação que emprega essa abordagem.” (MCCLLOUD, 2005, P. 21).

Quem se distancia da noção de quadrinhos como linguagem (embora não negue essa característica) e arte sequencial, caso de McCloud e Eisner, é Thierry Groesteen (2015). O autor se utiliza da visão das HQs como um sistema e os define como:

Quadrinhos são uma combinação original de uma (ou duas, junto com a escrita) matéria(s) da expressão e de um conjunto de códigos. É a razão pela qual podem ser descritos apenas em termos de sistema. [...] Nos quadrinhos, os códigos são construídos no interior de uma imagem de forma específica, que mantém a associação da imagem a uma cadeia narrativa onde as ligações se espalham pelo espaço, em co-presença (GROENSTEEN, 2015, P. 14-15).

Ao tratar os quadrinhos como um sistema, Groesteen explica que há uma relação de interdependência entre os elementos que compõem a mídia, formando um todo organizado e gerando sentido para o leitor. Outro autor que compartilha essa visão de quadrinhos como um sistema é Antonio Cagnin. Em seu livro, Cagnin (1975, p. 25) traz uma definição mais direta. O autor argumenta que “a história-em-quadrinhos é um sistema narrativo formado por dois códigos de signos gráficos: a imagem, obtida pelo desenho; a linguagem escrita.” Tal definição leva o autor a dividir sua obra em dois momentos, primeiro com a imagem servindo

de elemento figurativo, em seguida o texto que é um elemento linguístico integrado no sistema narrativo (CAGNIN, 1975). Dessa forma, os quadrinhos utilizam de dois códigos de significância, o visual e o textual (CAGNIN, 1975; EISNER, 2010; VERGUEIRO, 2012a).

Embora Cagnin utilize dessa metodologia em seu livro, é necessário destacar que dentro de um quadrinho, esses dois códigos atuam de forma complementar. Vergueiro (2012) explica que ambos os elementos ocupam papel especial, reforçando um ao outro e possibilitando que a mensagem seja entendida em completude. Tal fato é bem exemplificado por Pessoa (2016), ao separar o texto e a imagem de uma tira. A leitura de apenas um dos elementos não permite ao leitor compreender a ideia que o autor quer passar, apenas quando Pessoa nos apresenta a tira em sua integralidade é que se torna possível atribuir um sentido completo. Apesar dessa relação complementar entre textual e visual, existem mensagens que são passadas exclusivamente pelo texto e outras que tem a imagem como fonte de transmissão (VERGUEIRO, 2012a). Essa relação é passível de ser reimaginada por quadrinistas, diversos autores que produzem quadrinhos sem texto, variando desde tiras com três quadros até quadrinhos mais volumosos. Como exemplo para este último caso é possível citar a obra “Um pedaço de madeira e aço” (2018), quadrinho do francês Christophe Chabouté. Nele, o autor conta uma história do ponto de vista de um banco de praça e o faz sem utilizar balões de fala ou qualquer outra forma de diálogo. Isso abre margem para que o leitor interprete e imagine o que está acontecendo e sendo dito nos quadros, baseando-se apenas na arte.

De acordo com Vergueiro (2012a), a imagem é o elemento básico dos quadrinhos. Sua menor unidade narrativa é a vinheta ou quadrinho que “constitui a representação, por meio de uma imagem fixada, de um instante específico ou de uma sequência interligada de instantes, que são essenciais para a compreensão de uma determinada ação ou acontecimento” (VERGUEIRO, 2012a, p. 35). É nesse componente que ocorre a composição da cena, agrupando-se cenário, personagens, fragmentos do espaço e do tempo (RAMOS, 2012). Com a sucessão de quadros ocorre a narração visual das histórias em quadrinhos. Os quadros podem variar sua forma indo desde retângulos mais convencionais até formas circulares ou de objetos, e a escolha da vinheta depende da intenção do artista e do espaço físico utilizado na produção da história (RAMOS, 2012). Eisner (2010) afirma que a ausência de uma vinheta também é possível e expressa um espaço ilimitado e abrange o que não está visível, mas que possui uma existência reconhecida. Isso exige do leitor o reconhecimento do que não é mostrado.

O elemento que separa um quadro/vinheta um do outro é conhecido entre os aficionados por quadrinhos como sarjeta. McCloud (2005, p. 66) explica que “é no limbo da

sarjeta que a imaginação humana capta duas imagens distintas e as transforma em uma ideia única”. Embora não seja possível ver nada, nossas experiências prévias nos permitem concluir que existe algo ali. Os quadros oferecem um ritmo recortado de momentos dissociativos e fragmentam o tempo e o espaço, mas conseguimos concluir mentalmente a existência de uma realidade contínua e unificada. Dessa forma, os quadrinhos e os autores exigem que a mente do leitor funcione como um intermediário, preenchendo lacunas entre os quadros.

o quadrinho é um meio monossensorial que depende de um só sentido para transmitir um mundo de experiências. [...]. O som é representado por dispositivos como os balões... que por si só, são uma representação exclusivamente visual. Dentro dos quadros só dá pra transmitir informação visualmente. Como entre eles, nenhum dos nossos sentidos é exigido... todos os nossos sentidos acabam envolvidos (MCCLLOUD, 2005, P. 89).

Figura 4 - A narrativa de Jack Kirby.



Fonte: Quadrinhos (2022)⁴

As linhas demarcatórias dos quadrinhos possibilitam ainda o uso da metalinguagem abrindo margem para novos recursos narrativos. Tal recurso é utilizado com frequência em tiras cômicas (VERGUEIRO, 2012a; RAMOS, 2012).

⁴ Disponível em: <https://quadrinhos.com/2019/05/16/cinco-pensamentos-de-jack-kirby-sobre-a-marvel-arte-e-narrativa/>. Acesso em: 17 jan. 2022.

Figura 5 - Alan Moore utiliza a metalinguagem na tira *Maxwell: o gato mágico*.



Fonte: Maxwell: o gato Mágico (2020)⁵

Como dito anteriormente, o outro elemento fundamental das histórias em quadrinhos é a linguagem verbal. O texto verbal pode aparecer nos quadrinhos como forma de expressar a fala ou pensamento dos personagens; como a voz do narrador, seja ele um ou mais de um personagem, ou narrador onisciente; sons; elementos gráficos como cartazes, cartas, vitrines etc. (VERGUEIRO, 2012a; PESSOA, 2016). Para representar a comunicação entre os personagens, o texto verbal é envolto por uma linha circular próxima à cabeça de quem fala, ou seja, o balão. Este adquire um formato retangular ao expressar a fala do narrador, sua representação verbal (VERGUEIRO, 2012a).

Para Acevedo (1990 *apud* RAMOS, 2012), o balão possui dois elementos: o continente (corpo e apêndice) e seu conteúdo textual ou imagético. A linha que forma o balão é a chave para entender os diferentes tipos de balões, o contorno preto e contínuo é o mais “neutro” e serve de referência para os outros casos. Para produzir outro efeito além de fala e pensamento, o balão pode ter seu contorno alterado, ganhando outra conotação e expressando um sentido diferente. Cagnin (1975, p. 121) nomeia alguns tipos de balões:

- O *balão-fala*, o mais comum, tem seu contorno bem nítido, contínuo. O apêndice em forma de seta sai da boca do falante.
- No *balão-pensamento*, a linha de contorno é irregular, ondulada, quebrada ou de pequenos arcos ligados. O apêndice é formado por pequenas bolhas nuvenzinhas que saem do alto da cabeça do pensante.
- No *balão-cochicho*, a linha de contorno é pontilhada. É usado quando a personagem diz ao seu interlocutor alguma coisa que não pode ser ouvida por um terceiro.
- O *balão-berro* tem as extremidades dos arcos voltadas para fora, como explosão.
- O *balão-trêmulo* tem as linhas tortuosas como o tremular das ondas. Indica o medo que se sente ou que se quer transmitir.

⁵ Fonte: Alan Moore, Maxwell: o gato mágico. São Paulo: Pipoca e Nanquim, 2020.

- Os sons e falas emitidos por aparelhos elétricos ou eletrônicos estão em *balões-de-linhas-quebradas* em forma de fásca elétrica.
- O *balão-vibrado* procura reproduzir a vibração de voz tremida.
- O *balão-glacial* mostra a frieza, o desprezo de uma personagem por outra.
- O *balão-unísono* engloba a fala única de diversas personagens.
- Há também os *balões-duplos* e os *intercalados*: os duplos são os que, pertencendo a uma só personagem, são ligados por um ‘estrito’ e informam que a fala foi dividida por um breve silêncio das partes. Entre os dois globos pode ser intercalada a fala de outra personagem.

O texto presente nos balões transmite, além de sua mensagem principal, uma mensagem específica expressa pelas letras dos diálogos. Em um diálogo normal, as letras não apresentam nenhuma característica distinta, mas para dar a ideia de um tom de voz mais alto, mais baixo, medo, idiomas diferentes etc. Existem inúmeras possibilidades, limitadas apenas pela criatividade dos autores (VERGUEIRO, 2012a).

Figura 6 - Balões diferenciando a fala dos personagens.



Fonte: Watchmen (2017)⁶

Nos quadrinhos, as onomatopeias são os elementos que representam ou imitam o som por meio de caracteres alfabéticos. Elas podem variar de acordo com o idioma de cada país, por exemplo, a onomatopeia de um galo cantando seria “ki-ki-ki-ki-ki-ki!” na França, enquanto no Brasil seria “có-có-có-ri-có!” (VERGUEIRO, 2012a). Esse recurso é um bastante utilizado nos mangás. De acordo com Cirne (1970), não é possível definir em que momento as onomatopeias começaram a ter relevância nos quadrinhos. O uso mais antigo desse recurso data de 1907, no quadrinho *Little Nemo in Slumberland* de Winsor McCay, nele é possível ver a representação dos sons: “ZZZ”; “UH”; “UMPH” e “BOOM”.

⁶ Fonte: Alan Moore, Dave Gibbons. Watchmen. São Paulo: Panini, 2017.

Não há uma regra fixa para a criação e uso de onomatopeias, este elemento assim como vários outros nos quadrinhos está limitado apenas pela imaginação dos quadrinistas. McCloud (2005) vê um processo de fixação de símbolos usados nos quadrinhos, incluindo as onomatopeias, visto que quando um recurso é utilizado de forma repetida, passa a ser incorporado na linguagem. Ramos (2012) explica que as onomatopeias podem possuir duas funções, a já mencionada representação de um som e ela pode sugerir movimento, servindo como uma linha cinética, um indicador de movimento.

Figura 7 - Onomatopéia representando o som de animais.



Fonte: Beasts of Burden (2017)⁷

Figura 8 - Onomatopéia em mangás.



Fonte: O preço da desonra (2019)⁸

Por fim, a legenda é um elemento textual que configura a fala do narrador onisciente. Ela geralmente se localiza na parte superior dos quadros, pois é onde se inicia a leitura, e serve para situar o leitor no tempo e espaço, indicando mudança na localização dos fatos (VERGUEIRO, 2012a). Cagnin (1975) corrobora com essa ideia e acrescenta que a legenda pode ocupar um quadro inteiro e que pode ocupar uma faixa paralela de qualquer um dos lados do quadro. A cor na legenda é usada para identificar quem está falando, nas páginas do quadrinho “Superman/Batman: inimigos públicos”, os dois protagonistas alternam na narrativa, para simbolizar quem está falando, os autores utilizaram na legenda a cor amarela para representar o *Superman* e a cor azul para o *Batman*. Tais cores estão presentes nos uniformes dos personagens e permitem que o leitor deduz quem está narrando (RAMOS, 2012).

⁷ Fonte: Evan Dorkin, Jill Thompson. Beasts of burden: rituais animais. São Paulo: Pipoca e Nanquim, 2017.

⁸ Fonte: Hirata Hiroshi. O preço da desonra. São Paulo: Pipoca e Nanquim, 2019.

Figura 9 - Uso de cores diferentes nas legendas.



Fonte: Superman/Batman: inimigos públicos (2015)⁹

As características descritas anteriormente não se configuram como a totalidade de elementos que compõem as histórias em quadrinhos, havendo muitos outros que podem ser explorados em pesquisas futuras. Aqui foi necessário um recorte para se adequar à proposta da pesquisa, mas apesar disso, é possível perceber por meio da argumentação teórica feita neste capítulo, o potencial que os quadrinhos possuem como mídia informacional, educativa e comunicacional. Fato que se configura pela variedade de gêneros que as histórias em quadrinhos conseguem abordar, utilizando uma linguagem que mistura o signo textual e imagético, facilitando a compreensão da mensagem emitida e abrindo margem para apropriação de novas formas de comunicação e linguagem.

⁹ Fonte: Jeph Loeb, Ed McGuinness. Superman/Batman: inimigos públicos. São Paulo: Eaglemoss, 2015.

3 FORMAÇÃO DE LEITORES E MEDIAÇÃO DA LEITURA: FAZERES DA BIBLIOTECA ESCOLAR

Comumente o ato de ler é associado à leitura de palavras e textos, reconhecer sinais gráficos e entender uma mensagem escrita em algum suporte. A leitura vai além disso. Côrte e Bandeira (2011) comentam que ler nos possibilita prazeres, saberes, reflexões e ações, tudo que vemos, ouvimos e sentimos é relacionado ao processo de leitura. Para Paulo Freire (1989, p. 9) “a leitura de mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”, ou seja, antes de aprendermos os sinais gráficos e seus significados enquanto palavras, nossas vivências e observações já se configuram como um ato de leitura, uma leitura de vida por assim dizer, que para Pimentel, Bernardes e Santana (2007), nos ajuda a fazer a leitura dos sinais gráficos ao nosso redor. Por esse motivo, o leitor constrói seu próprio texto, resultado de suas experiências e conhecimentos em interação com o que foi lido e com o autor, que expõe seu discurso no material linguístico, o texto (MENEGASSI; ANGELO, 2005, p. 32 *apud* OLIVEIRA; FURTADO, 2016). Assim, a leitura abre margem para diversas reflexões e interpretações, produto da visão de mundo de cada leitor. Portanto, “Saber ler implica não só aprender a decodificar sinais gráficos, juntar letras, mas também aprender a descobrir sentidos. Saber ler é compreender e não simplesmente decifrar.” (PIMENTEL; BERNARDES; SANTANA, 2007, p. 82).

Ler é um dos elementos que possibilita o crescimento intelectual do indivíduo. É por meio da formação de um leitor que se constrói a cidadania e promove o discernimento, a criatividade, a lógica e a pesquisa. A leitura é um processo pelo qual o leitor se sente instigado a desenvolver, por meio do esforço mental, a construção de significados tomando por base os conhecimentos incorporados anteriormente (PIMENTEL; BERNARDES; SANTANA, 2007; CAFIERO, 2010). Dessa maneira, ler um texto não é um ato que deva ser considerado passivo, o leitor deve assumir um papel ativo nesse processo, tomando a leitura como um exercício de indagação, reflexão crítica, entendimento e atribuição de sentido (CAFIERO, 2010; SILVA; NASCIMENTO, 2015).

Diante disso, percebemos a necessidade de letrar o indivíduo para que ele se torne apto a entender os diferentes tipos de leitura, nos mais variados suportes e desenvolver o senso de priorização, avaliação, seleção e assimilação de informações. A leitura passa por transformações no espaço discursivo e prático, devendo portanto ser entendida de um modo mais amplo e integrador, não deixando de lado o texto, a imagem e o suporte (CERVERÓ, 2007 *apud* CÔRTE; BANDEIRA, 2011). Para alcançar tal objetivo, é preciso pensar

estratégias que estabeleçam as relações necessárias à compreensão do que está sendo lido, não bastando apenas entregar para um leitor não formado um livro escolhido aleatoriamente. Esse tipo de abordagem não contribui para o entendimento da leitura. É preciso que o leitor crie uma identificação entre si mesmo e o que está lendo, só assim haverá interesse e motivação para que ele siga adiante (CAFIERO, 2010; CÔRTE; BANDEIRA, 2011). Essa aproximação do leitor com o que se lê, é parte do processo compreendido como mediação da leitura.

O ato de mediar a leitura consiste em ir além de indicar uma obra literária, é preciso apresentá-la de forma mais ampla, ressaltando características que podem torná-la interessante para o leitor, abrindo margem para que ele pense, questione e discuta sobre o que é lido, ato que traz benefícios para o indivíduo (ALMEIDA; COSTA; PINHEIRO, 2012). Na visão de Nunes (2015, p.15), a “mediação é um elemento fundamental no processo que pode levar alguém a aprender, a adquirir conhecimentos e a interagir de modo mais consciente em sua comunidade e na sociedade em que habita”. A mediação da leitura possui um viés social, ao possuir o objetivo de transformar aquelas pessoas que não conhecem a leitura como uma prática que desenvolve o senso crítico, criativo, social, cultural e não acreditam que ler possa transformar suas vidas e abrir novos horizontes (NUNES; SANTOS, 2020).

De acordo com os PCN (BRASIL, 1998, p. 71), formar leitores “requer condições favoráveis, não só em relação aos recursos materiais disponíveis, mas principalmente, em relação ao uso que se faz deles nas práticas de leitura”. É nesse contexto que se insere a biblioteca escolar, sendo este um dos primeiros locais em que um sujeito não leitor tem contato com a leitura em seus mais variados suportes; e o bibliotecário, profissional que possui competências para avaliar as práticas sociais dos estudantes e elaborar estratégias de mediação da leitura que vão auxiliar os estudantes a desenvolverem o gosto pela leitura e a apreensão das práticas de leitura.

A mediação da leitura é comumente realizada em bibliotecas, ainda mais nas escolares. Por se caracterizar como um espaço cujo os usuários são compostos principalmente por leitores iniciantes, esse tipo de biblioteca tem uma tarefa fundamental em acolher esses usuários e por meio de práticas de mediação da leitura, permitir que eles tenham um contato mais próximo com essas ferramentas, refletindo, questionando e se apropriando do processo de construção do sentido. Este tipo de biblioteca passa por um período de pouca valorização, sendo vista apenas como um local de castigo para os alunos e uma sala para armazenamento de livros. Posteriormente, foi percebida como uma unidade que pode contribuir para a formação dos estudantes. A atual sociedade da informação trouxe mudanças para a educação, e, por consequência, para a biblioteca escolar (PAIVA, 2018).

A International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA) propõe uma definição um tanto utópica para a biblioteca escolar:

[...] um espaço de aprendizagem físico e digital na escola onde a leitura, pesquisa, investigação, pensamento, imaginação e criatividade são fundamentais para o percurso dos alunos da informação ao conhecimento e para o seu crescimento pessoal, social e cultural. (COMITÊ PERMANENTE DA SEÇÃO DE BIBLIOTECAS ESCOLARES DA IFLA, 2016, p. 19).

Na visão de Côrte e Bandeira (2011, p. 8) tal unidade de informação “é um espaço de estudo e construção do conhecimento, coopera com a dinâmica da escola, desperta o interesse intelectual, favorece o enriquecimento cultural e incentiva a formação do hábito da leitura”. Dessa forma, a biblioteca atua no papel de apoio didático pedagógico, estabelecendo diálogos e parcerias com a equipe docente a fim de acompanhar os conteúdos ministrados em aulas, permitindo assim que seja feito um trabalho de suporte informacional (SANTANA FILHO, 2005). Santana filho (2005) destaca esse papel importante da biblioteca escolar ao argumentar que as escolas não podem ser apenas um local que visa transmitir conhecimentos que provavelmente estarão defasados antes que o estudante encerre sua educação formal, elas devem portanto, “promover oportunidades de aprendizagem que deem ao estudante condições de aprender a aprender, permitindo-lhe educar-se durante a vida inteira”. Sobre o papel desta unidade de informação nas escolas, Côrte e Bandeira (2011, p. 3) estabelecem três elementos para que uma biblioteca escolar desempenhe sua função de forma eficiente, são elas: “um acervo bem selecionado e atualizado, que contemple todo tipo de suporte de informação; um ambiente físico adequado e acolhedor, e o mediador, a figura do bibliotecário/professor que surge no processo de leitura, com a função de atuar produtivamente na seleção do acervo”. Pode-se inferir portanto, que a biblioteca escolar é um local privilegiado por ter em seu público-alvo crianças e adolescentes, indivíduos que estão iniciando o desenvolvimento de seu senso crítico, adquirindo conhecimentos de mundo, descobrindo os prazeres da leitura e incorporando esse hábito ao seu dia a dia.

Apesar do papel fundamental que as bibliotecas exercem no meio em que estão inseridas, essas unidades de informação e seus profissionais, ainda hoje, sofrem com estereótipos como: a biblioteca é um lugar de silêncio, é um depósito de livros inacessíveis para a maioria do público e que o bibliotecário está ali apenas para manter tudo organizado e pedir silêncio. Na biblioteca escolar não é diferente. Seu ambiente, por vezes, é visto como um local que serve apenas de depósito de livros, isolamento e correção de alunos que tenham um comportamento inadequado dentro da sala de aula, um lugar de castigo (BARI; BISPO;

SANTOS, 2018). Paiva (2018) explica que em um conceito mais tradicional da educação, onde o objetivo era desenvolver uma habilidade cumulativa e repetitiva do aluno, o que restringia o papel da biblioteca escolar à um simples depósito, tendo a função de reproduzir ações repressoras exercidas na sala de aula.

Dessa forma, a biblioteca escolar não era valorizada, já que o professor e o livro-didático eram tidos como os únicos transmissores de conhecimento. A partir dessa realidade pode-se inferir que esse seja um dos motivos da existência de bibliotecas escolares geralmente frias, burocratizadas, de caráter punitivo e estático na escola. Essa visão pode colaborar para o abandono desse espaço na escola.” (PAIVA, 2018, p. 25)

Embora o conceito educacional apresentado por Paiva (2018), existente nos anos 70, tenha sido alterado com o passar dos anos, a visão que o público tem da biblioteca permaneceu. A falta de uma biblioteca escolar ou a negligência de uma já instalada, em diversos casos parte da própria instituição de ensino na qual está inserida. De acordo com Bicheri e Almeida Júnior (2013, p. 45), “Em geral, as bibliotecas escolares, quando existem, na maioria das vezes são precárias, não contam com um profissional bibliotecário e não oferecem condições para o desenvolvimento de atividades que correspondam a seu potencial de atuação social citado na teoria”. A fim de amenizar esta realidade e proporcionar para o público das escolas, os benefícios que uma biblioteca pode trazer, em 2010 foi implementada a Lei 12.244/2010 que em sua ementa: “Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País.” (BRASIL, 2010). A lei trouxe benefícios para a implementação de bibliotecas nas redes de ensino básico nacional. Um censo realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) em 2019 indica que em 56,3% das escolas de ensino fundamental possuem biblioteca/sala de leitura, no ensino médio esse número sobe para 88,2% (BRASIL, 2020). É importante notar que esses números são relativos à bibliotecas e salas de leitura, portanto o número relativo às BEs deve ser menor.

Apesar do censo feito pelo INEP considerar bibliotecas escolares e salas de leitura como recursos equivalentes dentro das instituições de ensino, esta noção é totalmente equivocada. Como já explicado anteriormente a biblioteca escolar exerce um papel fundamental dentro das escolas, mas ainda assim não estão presentes em todas as instituições de ensino, e quando existem ainda são denominadas de salas de leitura, em alguns casos, o que tira a necessidade de contratação de um bibliotecário.

Uma biblioteca sem bibliotecário é, de fato, apenas uma sala de leitura. Para Bicheri e Almeida Júnior (2013, p. 43) a “simples existência de uma biblioteca escolar, bem localizada,

de bom tamanho, bem decorada, com um grande acervo atualizado não é suficiente para atender as necessidades da comunidade escolar e contribuir para a qualidade do ensino e formação do aluno”. Dessa forma, os aspectos mencionados pelos autores não tornam a presença do bibliotecário algo prescindível. Para que a biblioteca apresente um bom funcionamento e cumpra seu papel ela precisa de um acervo bem abrangente e diverso, um espaço convidativo, mas também precisa de um profissional competente que esteja engajado com a escola de maneira geral.

Este profissional será o responsável por tornar esta unidade de informação um local de apoio para atividades pedagógicas e literárias. Ao desempenhar uma série de atividades e planejamentos que são de competência exclusivamente dele, o bibliotecário e a biblioteca escolar passam a atuar ativamente dentro da instituição de ensino na qual estão inseridos. Para tal, é necessário que o bibliotecário possua não só as competências técnicas, mas uma série de outras capacidades, dentre elas ser comunicativo, interessado e criativo. Além disso, o bibliotecário deve ter atitudes ativas dentro das escolas, pois segundo Bicheri e Almeida Júnior (2013, p. 43):

Muitos educadores sabem da importância da biblioteca, mas desconhecem a importância do bibliotecário. Por isso, o profissional que atua na biblioteca não pode ficar no seu cantinho, esperando que os usuários (professores, alunos, funcionários, direção e pais de alunos) se dirijam até ele.

Acontecem, inclusive, casos de outros profissionais assumirem o papel que deve ser do bibliotecário, professores e funcionários administrativos por vezes são encarregados de gerenciar uma biblioteca escolar quando os mesmos não têm as competências para tal. Sobre isso, Silva e Bortolin (2018, p. 35) falam que:

Muita crítica tem sido feita sobre o professor ocupar o espaço do bibliotecário na escola. Por outro lado, com a mesma intensidade se fala do despreparo pedagógico do bibliotecário para atuar na biblioteca das escolas. Corporativismo à parte, pouco se tem feito para resolver esse impasse e a biblioteca escolar, em especial na esfera pública, não progride. Ineficiente, permanece ausente da vida dos estudantes. Sofre do mal da invisibilidade, quase ninguém percebe a sua falta.

Dessa forma, além de estabelecer um diálogo com os alunos, é importante que o bibliotecário se mostre ativo e busque uma colaboração com os professores, contudo, isso não costuma acontecer. De acordo com Mota (2004), o que ocasiona um hiato na comunicação entre professores e bibliotecários é a falta de conhecimento daquele sobre o acervo da biblioteca, a falta de divulgação por parte dos bibliotecários quanto aos serviços que a biblioteca oferece e a falta de interesse dos professores na biblioteca. Isto posto, Mota

conclui que há necessidade de um processo de “um processo de comunicação cada vez mais ativo entre professores e bibliotecários, onde os mesmos possam apresentar e discutir as melhores formas de sanar suas necessidades e anseios e conseqüentemente alcançar seus objetivos” (MOTA, 2004, P. 6). De acordo com a pesquisadora Montiel-Overall (2005, p. 32):

Colaboração é um uma relação de confiança entre dois ou mais participantes igualmente envolvidos em um pensamento compartilhado, em um planejamento compartilhado e em uma criação compartilhada de instruções integradas. Por meio de uma visão e objetivos compartilhados, oportunidades de aprendizado dos alunos são criadas para integrar o conteúdo da disciplina e a competência informacional por meio do co-planejamento, co-implementação e co-avaliação do progresso dos alunos ao longo do processo de instrução, a fim de melhorar o aprendizado do aluno em todas as áreas do currículo (Tradução nossa¹⁰).

Ainda há uma grande distância entre a definição de Montiel-Overall e a realidade. Este cenário deve ser motivo de preocupação e de mobilização para os bibliotecários escolares, que precisam buscar se engajar mais no planejamento pedagógico e estabelecer diálogos com professores.

Dentre as competências e habilidades necessárias para que o bibliotecário consiga alcançar os objetivos estabelecidos para sua biblioteca, uma que pode ser considerada das mais importantes é a comunicação, especialmente no primeiro contato com estudantes, apresentando uma postura de profissional agradável, criativo, responsável e que saiba compreendê-los e conquistá-los (BECKER; GROSCH, 2008). A visão que em geral as pessoas têm da biblioteca é inicialmente de um lugar opressor, em que o silêncio deve ser mantido, nos caso das escolares, um lugar de castigo. Se um bibliotecário apresenta uma atitude não amigável no primeiro contato com os usuários só dificulta seu retorno e irá permear essa visão.

Ao estabelecer contato com seu principal público-alvo, o bibliotecário poderá então planejar atividades culturais e de leitura que poderão contribuir para a formação acadêmica e/ou social do estudante e, além disso, estabelecer a biblioteca como um ambiente acolhedor e de troca de experiências. Contudo, isso não será alcançado apenas distribuindo livros para os usuários. São inúmeras as atividades que podem contribuir com o incentivo à leitura, Bicheri e Almeida Júnior (2013, p. 52) citam:

¹⁰ Collaboration is a trusting, working relationship between two or more equal participants involved in shared thinking, shared planning, and shared creation of innovative integrated instruction. Through a shared vision and shared objective, student learning opportunities are created that integrate subject content and library curriculum by co-planning, co-implementing, and co-evaluating students' progress throughout the instructional process in order to improve student learning in all areas of instruction.

hora do conto, exposições, concursos literários, oficinas de leitura, murais informativos, feiras de livros, leitura & arte na biblioteca, formação de contadores de história, divulgação do acervo (pelo bibliotecário e por alunos), divulgação de leitura, divulgação de lançamentos de editoras, história da escola ou do bairro, debate sobre autores e livros, varal de poesias, entre outros.

Segundo Carvalho (2008), existe um equívoco por parte das políticas e atividades de promoção da leitura, que consideram importante “apenas ler”, sem se preocupar com o que, bastando entregar um livro para uma criança a qualquer custo. A leitura de obras clássicas como as de Machado de Assis e José de Alencar, que apresentam um linguajar mais rebuscado e em desuso, que vai exigir mais atenção e empenho para compreender o que está sendo lido, pode afastar um leitor iniciante (SILVA; NASCIMENTO, 2015). Dessa forma, cabe ao bibliotecário planejar as atividades que irá realizar levando em conta o seu público, o plano pedagógico da instituição, o material disponível no acervo que dentro das particularidades de cada biblioteca, deve possuir materiais de leitura em formatos variados.

No que tange ao acervo, é necessário que seja bem selecionado possibilitando uma abrangência de conteúdos, indo desde obras didáticas que irão contribuir na compreensão do conteúdo curricular, obras de entretenimento voltadas para o lazer e prazer, e obras que promoverão formação social, intelectual, cultural e crítica (CALDIN, 2005). Para conseguir fazer o desenvolvimento de um acervo que irá contemplar os aspectos mencionados, exigirá do bibliotecário dinamismo, habilidades argumentativas e diplomáticas para driblar as dificuldades financeiras, bloqueios burocráticos que muito provavelmente serão enfrentados em bibliotecas escolares, em particular as da rede pública. Isso ajudará na composição de um acervo variado e rico (CALDIN, 2005).

Neste momento, diante de constantes avanços tecnológicos, imagens e meios de comunicação de massa, algumas pessoas optam por trocar a leitura por outras formas de lazer. Portanto, instigar crianças a ler deve constituir uma das prioridades e do bibliotecário, não permitindo que as dificuldades rotineiras no ambiente da biblioteca escolar façam seu trabalho estagnar. Para tal é necessário que o bibliotecário seja um ávido leitor, que goste de ler, que contagie os alunos e os estimule a ler, não só disponibilizando material para leitura, mas propondo leituras (BICHERI; ALMEIDA JÚNIOR, 2013).

Pode-se concluir portanto, que o papel da biblioteca escolar como local de fomento à leitura e do bibliotecário como um mediador, lhes atribui uma grande responsabilidade, que vai além de ser um mero depósito de livros, que ficam esperando que alguém se lembre de sua existência para que sejam emprestados. Por fim, o bibliotecário deve interferir, deve ser um

ativo dentro desse contexto, assim realizando a mediação entre o texto e o leitor, considerando a educação em um sentido mais amplo, não somente limitado ao ensino na sala de aula, mas também voltada para a formação de hábitos e atitudes por parte dos alunos. Para tal, o bibliotecário precisa estar engajado com a comunidade escolar e estabelecer diálogos com um dos mais importantes parceiros nessa empreitada da mediação, o professor, manter a biblioteca organizada e convidativa para seu público e se mostrar motivado no que tange aos prazeres e benefícios na formação de pessoas que tenham o hábito de ler e refletir sobre o que está sendo lido, permitindo um crescimento intelectual por parte de um indivíduo e de forma coletiva ao formar cidadãos socialmente ativos.

3.1 Quadrinhos na biblioteca escolar

De um modo geral, as bibliotecas escolares brasileiras estão ligadas às fontes tradicionais de informação. O livro impresso ocupa um grande espaço dentro desta unidade de informação, gerando uma relativa exclusão dos outros tipos de materiais de transmissão da informação e do conhecimento que devem fazer parte do acervo. Existem diversas alternativas de ferramentas que podem ser tão úteis quanto os livros para disseminar informação, tanto no formato impresso - revistas, jornais, histórias em quadrinhos - como em formato audiovisual, eletrônico e digital - DVDs, CD-ROMs, Internet (BARI; VERGUEIRO, 2009).

As histórias em quadrinhos se configuram como um tipo de publicação que pode e deve estar presente no acervo de uma biblioteca escolar, mas não é o que de fato acontece. As HQs por muito tempo estiveram distantes das bibliotecas escolares, não sendo consideradas como um elemento que poderia proporcionar conhecimento e incentivar a leitura. Isso muito se deve à visão preconceituosa que muitas pessoas tinham (algumas ainda têm) sobre os quadrinhos, vistos como uma mídia que afastaria os estudantes da “boa leitura” e geraria uma “preguiça mental”. Essa visão era compartilhada por bibliotecários e professores, que nos poucos casos em que utilizavam as HQs, era apenas como uma forma de atrair o público para leituras superiores e nobres (BARI; VERGUEIRO, 2009). Com o tempo, esse preconceito que ganhou força nos anos 1950, nos EUA e posteriormente no Brasil começou a ser aplacado, permitindo que os quadrinhos passassem a ser considerados uma mídia que poderia proporcionar entretenimento, transmissão de saberes e que pode atingir um público amplo, não sendo restrito apenas para crianças.

No meio acadêmico e pedagógico o estigma que perseguia os quadrinhos também diminuiu. A Lei 9.394, de 20 de novembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da

educação nacional, após alterações, passou a expressar em sua redação a necessidade de que os estudantes possuíssem conhecimentos das formas contemporâneas de linguagem (BRASIL, 1996). Isso abriu margem para que mídias diversas possam ser incluídas no processo de educação, incluindo histórias em quadrinhos, cuja a presença nas escolas foi oficializada a partir da promulgação dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Os PCN da 1ª à 4ª abordam em seu conteúdo as histórias em quadrinhos como elemento que pode ser utilizado em escolas. Dentre os recursos didáticos expostos nos PCN de Língua Portuguesa, as HQs aparecem como um material que deve estar presente na biblioteca na biblioteca escolar, esta última sendo considerada um elemento de grande importância no papel de armazenamento e disseminação desses recursos. Os quadrinhos também estão listados como um gênero que pode ser utilizado no trabalho com a linguagem escrita.

Na biblioteca escolar é necessário que sejam colocados à disposição dos alunos textos dos mais variados gêneros, respeitados os seus portadores: livros de contos, romances, poesia, enciclopédias, dicionários, jornais, revistas (infantis, em quadrinhos, de palavras cruzadas e outros jogos), livros de consulta das diversas áreas do conhecimento, almanaques, revistas de literatura de cordel, textos gravados em áudio e em vídeo, entre outros (BRASIL, 1997a, p. 61).

Na disciplina de artes, o uso dos quadrinhos é sugerido como ferramentas para expressão e comunicação nas práticas dos alunos, e como arte visual proporcionando reconhecimentos, observações e a experimentação da leitura de formas visuais em meios de comunicação diversos, estando nessa lista: cartazes, fotografias, telas de computador, histórias em quadrinhos, entre outros (BRASIL, 1997b).

Nos PCN da 5ª à 8ª série, os quadrinhos aparecem com menos frequência, mas ainda estão lá. Na língua portuguesa aparecem as charges e tiras como gêneros para a prática da leitura da linguagem escrita de imprensa, somando-se a essas duas as entrevistas, notícias, editorial, artigo, reportagem e carta de leitores. As charges também são apontadas como um gênero que exige uma leitura crítica por parte do leitor. (BRASIL, 1998).

No ensino médio, o PCN que aborda os quadrinhos é o de “Linguagens, código e suas tecnologias”. Nele as HQs são consideradas como uma ferramenta que pode ajudar na aprendizagem da metalinguagem, visto que este é um elemento presente nos quadrinhos. No estudo de linguagem verbal, não-verbal e digitais, a análise de textos de gêneros diferentes, incluindo aí os quadrinhos, permitem “a consolidação do conceito e o reconhecimento de que um texto só se configura como tal a partir da articulação de determinados elementos, de uma

intencionalidade, explícita ou não, e de um contexto moldado por variáveis socioculturais”. (BRASIL, [2002], p. 96). Além disso, as HQs aparecem como um dos materiais de estímulo à leitura, à produção escrita e incentivo à pesquisa.

Além dos PCN, o Ministério da Educação (MEC) elaborou um documento semelhante intitulado: Orientações curriculares para o ensino médio: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Neste documento, é possível encontrar algumas citações sobre o valor do uso de quadrinhos na escola. As HQs podem servir de apoio em leituras de textos mais complexos da cultura literária, aos quais os alunos já devem possuir certa familiaridade ao ingressar no ensino médio. Letras de músicas e cordéis também podem desempenhar esse papel. A leitura aprofundada dos quadrinhos na escola permite que os alunos compreendam seus aspectos visuais e artísticas, permitindo que o mesmo consiga compreender diversos tipos de linguagens:

quando o aluno identifica os ‘truques’ que os desenhistas utilizam para criar efeitos de movimento e profundidade espacial nas histórias em quadrinhos e que aqueles e outros efeitos são também utilizados na arte, distinguindo os estilos das diversas tradições, épocas e artistas, o entendimento desses aspectos torna-se mais efetivo e interessante (BRASIL, 2006).

Os quadrinhos também estão presentes no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), em específico as tiras, charges e cartuns. É possível identificar no exame uma série de questões que utilizam esses recursos. Ao realizar um estudo, Carvalho (2017) constatou que nas prova aplicadas entre 2011 e 2015, havia um total de 46 utilizando histórias em quadrinhos, onde 15 usaram tiras, outras 15 fizeram uso da charge e 12 dos cartuns, além da presença uma questão para cada um dos elementos restantes, recortes de uma HQ, história em uma página inteira e capa de gibi. Essa forte presença dos quadrinhos no ENEM, só fortalece a noção de que este tipo de leitura deve estar inserida na escola.

Outra aproximação que os quadrinhos tiveram com as escolas e bibliotecas escolares foi a sua inclusão na lista de obras do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE). O programa realizava a aquisição de obras publicadas por diferentes editoras e realiza sua distribuição em escolas de ensino fundamental e médio na rede pública. Teve seu início em 1997, pautando-se na compra de material literário, incluindo quadrinhos em sua lista apenas a partir de 2006 (RAMOS; VERGUEIRO, 2009 *apud* BARI; VERGUEIRO, 2009).

Apesar de terem sido incluídos, os quadrinhos aparecem na lista em uma quantidade baixa se comparada ao número de livros. De um total de 225 obras, apenas 10 são histórias em quadrinhos, dentre as quais podemos destacar: “Toda Mafalda: da primeira à última tira”,

de Quino; “O nome do Jogo”, de Will Eisner; “A turma do Pererê: as gentilezas”, de Ziraldo; “A metamorfose”, de Franz Kafka, adaptada por Peter Kuper (BARI; VERGUEIRO, 2009).

No ano seguinte, houveram três seleções para o PNBE que eram destinadas para o ano de 2008, sendo a primeira tiragem centrada em obras para ensino médio e não incluindo quadrinhos. O mesmo ocorreu na lista voltada para a educação infantil, que contou naquele ano com 60 obras. Na relação de obras destinadas para o ensino fundamental, das 100 presentes, 7 eram quadrinhos. Apesar do número menor em comparação no ano anterior, proporcionalmente houve um crescimento de quadrinhos na lista de 2008, contando com 7% enquanto a lista de 2006 possuía apenas 4,5% de HQs no total das obras (BARI; VERGUEIRO, 2009).

Em 2009, a lista de obras definidas para o ensino fundamental contava com 14 quadrinhos. O ensino médio, por sua vez, foi contemplado com 5. Apesar da queda dos números de HQs (5%) entre as leituras recomendadas para as bibliotecas escolares do País, é possível observar uma reversão, visto que no ano anterior o ensino médio não foi contemplado com histórias em quadrinhos, mas em 2009 recebeu 5. (BARI; VERGUEIRO, 2009).

Em um estudo feito por Yamaguti (2017), a autora reúne e analisa publicações de autores diversos que contabilizaram as publicações em quadrinhos no PNBE, dentre os quais estão Vergueiro e Ramos (2010) que contabilizaram até o ano de 2009, Yamaguti (2014) até 2012, Boff (2014) e Borges (2016) contabilizaram até 2014, contudo os trabalhos acadêmicos desses autores apresentam discrepâncias no tocante ao quantitativo de quadrinhos comprados pelo PNBE. Segundo Yamaguti (2017), a forma como a lista de obras era divulgada, dificulta a identificação das obras como quadrinhos, o que justificaria a discrepância nos dados dos autores.

Ao listarem as obras não há qualquer identificação que se trata de uma HQ e que é uma adaptação. Foi o que aconteceu, por exemplo, com a catalogação da obra A Odisseia. Apenas passamos a considerá-la como quadrinhos, após encontrarmos em uma escola pesquisada, já que nas informações governamentais não constava qualquer relação com quadrinhos. (YAMAGUTI, 2017, p. 7).

A última compra de obras realizada pelo PNBE foi no ano de 2014, que segundo Yamaguti (2017) contava com 100 obras, dentre as quais 8 eram quadrinhos. Desde esse ano o programa permaneceu sem atividades até 2017. Posteriormente o MEC extinguiu o programa, mas com o Decreto nº 9.099, de 18 de julho de 2017, incorporou as atividades do PNBE ao

Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) (MOREIRA, 2017). O programa está em vigor atualmente e realiza a compra de diversas obras literárias, incluindo quadrinhos.

Ainda sobre o PNBE, ao buscar as listas de obras adquiridas percebe-se que uma quantidade considerável dos quadrinhos são adaptações de obras literárias. Isto não se configura necessariamente como um problema, mas cabe aqui a crítica quanto ao alto número dessas adaptações em bibliotecas escolares, algo que ocorre por uma desvalorização dos quadrinhos em relação aos livros. Dessa forma, o objeto menor será usado apenas para alcançar o objeto maior, alvo de um prestígio que o primeiro não tem. Para Luiz e Castro (2020), diferente do cinema e teatro que são vistos como formas de arte consolidadas, o valor atribuído às adaptações em quadrinhos não está na obra em si, mas naquela da qual é derivada.

Mais uma vez, a forma de encarar as adaptações literárias no contexto escolar é um indicativo da desvalorização dos quadrinhos enquanto gênero único. Isso fica mais evidente ao se perceber que as adaptações são os únicos quadrinhos trabalhados de forma íntegra, já que os demais são “retalhados” para que se use texto ou imagem de forma independente, consequentemente não importando seu conteúdo, desprezando-se totalmente a autoria deles (LUIZ; CASTRO, 2020, p. 152).

Portanto, as adaptações de obras literárias não são de forma alguma um problema, mas o seu uso apenas como forma de levar o leitor aos livros se configura como uma desvalorização dos quadrinhos enquanto uma leitura integral.

Essa preferência, por assim dizer, de adaptações literárias também é um fator causado por um desconhecimento dos profissionais sobre a diversidade de histórias em quadrinhos, fazendo com que, no momento de montar um coleção, fiquem na zona de conforto e optem por adquirir adaptações, quadrinhos da Turma da Mônica, Marvel, DC e quando muito, obras saíram do nicho e ganharam prestígio fora de seu meio, como Maus e Persépolis. Para possibilitar uma diversificação, é interessante que o bibliotecário se aprofunde em alguns aspectos das histórias em quadrinhos e sempre realize estudos de usuários. O estudo de usuários tem como objetivo “estudar as características e necessidades dos usuários, tanto gerais quanto dos processos de busca e uso da informação, analisando-as e estruturando-as, para que sejam plenamente desenvolvidos os produtos e serviços de informação” (LANÇA, 2018, p. 10). Para Almeida (2011), os estudos de uso e usuários são essenciais na etapa avaliação dos serviços da biblioteca. A partir de dados coletados durante o estudo, o bibliotecário pode avaliar se uma atividade, ação ou serviço está alcançando os objetivos determinando posteriormente, durante o planejamento. Daí a importância de manter estudos de usuários de forma periódica em uma biblioteca, pois, no caso da pergunta em questão, seria

possível determinar se as ações de promoção do acervo de quadrinhos estão realmente tendo os efeitos esperados.

A presença de quadrinhos na biblioteca ainda abre margem para uma série de outras questões passíveis de crítica e que mostram a dificuldade que existe na área da biblioteconomia de lidar com este tipo de obra. Em geral, os quadrinhos não recebem o mesmo tratamento que os livros dentro do acervo, sendo deixados sem uma classificação adequada, algo que não existe para os quadrinhos, ou sendo classificados com base na CDD ou CDU, que não são próprias para gibis. Há uma carência nesse aspecto, Souza e Toutain (2010, p. 90) explicam que:

Os quadrinhos carecem, no momento, de modelos de linguagem documentária que se aplique as suas características. Com isso, ao lidar com este tipo de coleção em seus acervos, o profissional da área tende a pular a etapa de descrição do conteúdo (também chamado de análise documentária) e imediatamente faz o armazenamento. Na melhor das hipóteses, é feita a descrição bibliográfica através da catalogação. A classificação, quando realizada, não identifica o assunto e sim o tipo da obra (história em quadrinhos) e a indexação, parte da análise documentária e importante na identificação da obra, raramente é efetuada com detalhes.

Portanto, ainda há uma forte carência de pensar os quadrinhos na biblioteca, pois sendo esta uma mídia que possui aspectos únicos e se difere do livro, exige que haja um tratamento específico e não apenas a indiferença. Existem tentativas de suprir essa necessidade, como a pesquisa de Pajeú, Maia, Bassoli e Lima (2007), que propuseram um Sistema de Classificação para Histórias em Quadrinhos (CHQ), contudo essas tentativas ainda são pontuais.

3.2 Usando quadrinhos como ferramenta pedagógica e informativa

Por possuírem uma linguagem que mescla imagem e texto, os quadrinhos ganham diversas utilidades no contexto do ensino, seja como um material de entretenimento que trabalha o imaginário do leitor, que instiga sua curiosidade e proporciona o desenvolvimento do hábito da leitura. Além disso, as HQs também podem ser utilizadas como uma ferramenta de apoio didático e informativo, pois se configuram como uma leitura mais atrativa para leitores iniciantes e jovens. Importante reiterar que os quadrinhos não são os únicos recursos a serem utilizados junto aos alunos, havendo outros que podem ser utilizados.

Os quadrinhos podem, por exemplo, ser utilizados em aulas de língua portuguesa. Ramos (2012b) propõe utilizar as HQs no estudo da adequação ou inadequação do uso da

gramática normativa levando em consideração o contexto em que o discurso é feito. Para tal, Ramos sugere o uso de quadrinhos como os do personagem Chico Bento, de Maurício de Sousa. Por ser do interior Chico possuiu um estilo de fala típico desse contexto, se expressando de forma diferente quando comparado com outros personagens presentes em suas histórias e que são da cidade grande, por exemplo. Do ponto de vista da gramática normativa, Chico Bento fala errado, contudo sua fala é adequada dentro do contexto situacional.

A proposta é usar quadrinhos como esse para instigar uma discussão com a sala. Seria interessante que os alunos analisassem o desenho e os diálogos. O próximo passo seria uma análise dos elementos visuais e textuais. Quem é do campo e quem é da cidade? Por quê? Quais os aspectos visuais que confirmam a hipótese do estudante? E os elementos verbais indicam o quê? Nesse ponto, pode-se acrescentar à discussão o conceito de adequado/inadequado, em oposição ao de certo/errado. Aparentemente, parece errada a fala de Chico Bento, mas não é adequada dentro da história? Amplia-se o debate para outras situações, inclusive vividas pelo estudante. (RAMOS, 2012b, p. 62).

Dessa forma, é possível ensinar aos alunos que em determinados contextos, o uso da gramática normativa é necessário, mas em outros é possível ter uma liberdade maior na escrita e na fala, utilizando uma linguagem coloquial (RAMOS, 2012b).

Figura 10 - Diferença de fala entre Chico Bento e seu primo.



Fonte: Como usar histórias em quadrinhos na sala de aula (2012)¹¹

As histórias em quadrinhos também podem ser utilizadas no ensino de Geografia. Rama (2012) explica que é inevitável a relação entre a disciplina e os quadrinhos, que em vários casos são ambientadas em países diferentes, representando suas paisagens e culturas. Hergé, por exemplo, fez uso de fotografias e reportagens da *National Geographics*, e outras publicações do gênero para conceber as paisagens presentes em “As Aventuras de Tintim”. Contudo, Rama (2012) salienta que a representação de paisagens não é a única contribuição

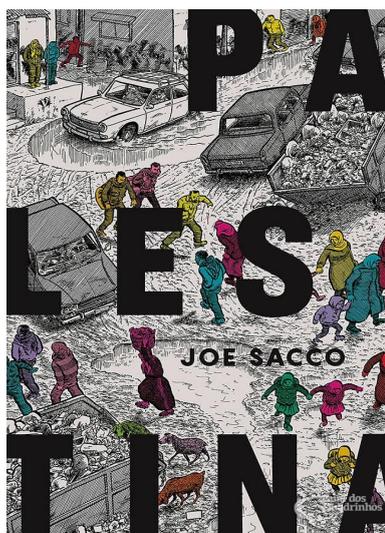
¹¹ Fonte: Angela Rama, Waldomiro Vergueiro (org.). Como usar histórias em quadrinhos na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2012.

dos quadrinhos no ensino de Geografia, essa mídia pode atender abordagens mais recentes da referida área.

Há alguns anos, o ensino de Geografia passa por um processo de renovação, que resgatou a importância da leitura do mundo a partir de uma leitura da paisagem, a qual é entendida como o aspecto visível do espaço geográfico. Nesse sentido, as histórias em quadrinhos tornam-se bastante oportunas, já que trabalham com o texto e a imagem ao mesmo tempo, além de darem conta da dimensão temporal e espacial. Aproveitam-se então, as possibilidades de utilização dessa linguagem, indo além da simples exploração do texto ou da descrição dos elementos geográficos. Assim, interessa para a Geografia desde as revistas comerciais de super-heróis até os álbuns autorais que tratam de temas diretamente relacionados à matéria (como, por exemplo, *Palestina*, de Joe Sacco) (RAMA, 2012, p. 87).

Dentre as diversas possibilidades propostas por Rama (2012), destaca-se aqui o uso dos quadrinhos no ensino da Geopolítica. A autora sugere o uso da reportagem quadrinista de Joe Sacco, publicada em dois álbuns: *Palestina - uma nação ocupada* (2000) e *Palestina - Na Faixa de Gaza* (2003). Esses quadrinhos seriam usados com o objetivo de compreender o processo de ocupação da região da Palestina; realizar análises críticas sobre os conflitos árabes-israelenses, levando em consideração as visões diferentes sobre o assunto e ainda refletir sobre a isenção de neutralidade dos noticiários (RAMA, 2012). Ainda no tema da Geopolítica, cita-se aqui quadrinhos como “*Persépolis*” (2017), que aborda a Revolução Islâmica no Irã; e “*A odisseia de Hakim*” (2020), uma obra dividida em três volumes que conta a história real de Hakim, um jovem Sírio que acaba se tornando um refugiado.

Figura 11 - Capa da nova edição de Palestina (Joe Sacco).



Fonte: Guia dos quadrinhos (2022)¹²

Ainda dentro dessa proposta de usar quadrinhos na escola, é pertinente citar o relato de experiência de Inácio (2003), contando as atividades e os resultados obtidos ao utilizar as histórias em quadrinhos dentro da sala de aula. O trabalho foi realizado durante dois meses em uma escola de ensino fundamental e dentre as atividades realizadas houveram momentos de leitura diária de gibis, pesquisa sobre a vida e obra de autores como Maurício de Sousa, debates acerca das características dos personagens criados pelo autor. Um ponto interessante no relato de Inácio foi o desenvolvimento de uma atividade que consistia na “[...] análise da fala do personagem Chico Bento. As questões diziam respeito a: por que ele fala assim? por que a fala dele é diferente? quem fala assim? Como se fala em nosso meio?” (INÁCIO, 2003, p. 102). O tipo de fala do personagem foi comparado com o de uma entrevista jornalística, possuindo uma linguagem mais formal, levantando um debate sobre a fala formal, informal e os diferentes contextos em que são utilizadas. Essa atividade vai de encontro com a proposta de Ramos mencionada anteriormente. Também houve a análise dos diferentes tipos de balões e seus significados específicos, além disso Inácio (2003, p. 102) diz que:

Selecionei algumas histórias que possuíam quase nenhum texto escrito, cuja compreensão se baseava toda nos desenhos. As crianças, em pequenos grupos, deveriam analisar a expressão dos personagens e o cenário onde se passava a história, relacionando a ausência da escrita com a importância da imagem (diferentes formas de comunicação) nas histórias em quadrinhos.

Como última atividade Inácio (2003) propôs que os alunos realizassem uma escrita espontânea, descrevendo a experiência vivida nas atividades.

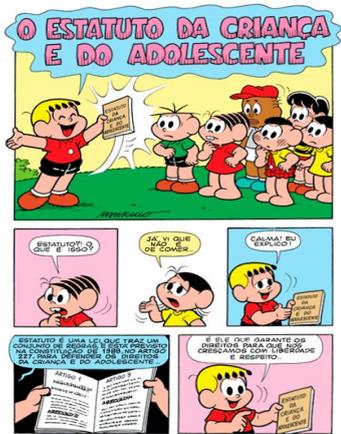
¹² Disponível em: <http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao/palestina/pa101411/159908>. Acesso em: 17 jan. 2022.

Esses são apenas alguns exemplos que mostram as possibilidades do uso das HQs no ensino escolar, podendo estar presentes não só na biblioteca, mas nas salas de aulas servindo como um recurso pedagógico eficiente. É claro que seu uso não se restringe apenas às matérias citadas anteriormente, os quadrinhos podem ser usados em aulas de disciplinas de História, Artes, Matemática e Ciências, sendo necessário um planejamento metodológico cuidadoso por parte dos professores e que pode ter o apoio do bibliotecário escolar.

A fim de exemplificar o uso das HQs como recurso informativo, é pertinente citar o artigo de Silva e Silva (2012) em que argumentam que os quadrinhos são uma forma eficiente de disseminação de informações jurídicas, que em seus textos oficiais (Leis, Decretos, Portarias etc.) utilizam uma linguagem própria da área o que torna seu conteúdo inacessível para cidadãos leigos.

Para Silva e Silva (2012, p. 169) a “dificuldade para o cidadão não iniciado nas letras jurídicas entender o significado de uma lei ou de uma sentença é frequente, à medida que o cidadão comum não está preparado para se aproximar do discurso jurídico”. Essa dificuldade ocorre pois os falantes do discurso jurídicos passam por um processo de qualificação que os distingue daqueles que não passaram, o cidadão leigo (SILVA; SILVA, 2012). Esse fato gera uma discrepância no acesso à informação da população que não está inserida neste contexto jurídico. Uma das formas existentes para proporcionar o acesso de informação jurídica seria por meio dos quadrinhos, tendo como exemplo a HQ citada por Silva e Silva (2012), “Turma da Mônica em: o estatuto da criança e do adolescente.” A obra traz de forma simplificada o conteúdo disposto na Lei 8.069/1990, fazendo uso de uma linguagem mais comum e acessível, permitindo sua compreensão por qualquer cidadão letrado, jovem ou adulto.

Figura 12 - Turma da Mônica em: o estatuto da criança e do adolescente.



Fonte: Instituto Maurício de Sousa (2021)¹³

¹³ Disponível em:

<http://www.institutomauciodesousa.org.br/fazendo-a-diferenca/publicacoes/a-turma-da-monica-em-o-estatuto-d>

Diante da pandemia da Doença por Coronavírus - 2019 (COVID-19) e do alto grau de desinformação acerca da doença, seus sintomas e tratamentos, diversas iniciativas surgiram com o objetivo de conscientizar e informar a população acerca dos riscos e medidas de prevenção eficazes. Duas dessas iniciativas tomaram forma no meio dos quadrinhos, a primeira foi desenvolvida pelo *Social Comics*, uma plataforma de *Streaming* de HQs. A empresa publicou “Super Poderes contra o coronavírus” (2020), um quadrinho digital no formato de tiras que nos mostra por meio da personagem Fabiana as formas corretas de evitar o contágio e se prevenir contra a doença. O quadrinho foi disponibilizado gratuitamente na plataforma do *Social Comics*, sendo necessário apenas um cadastro para realizar a leitura.

Outra iniciativa similar foi concretizada pela Universidade de Brasília (UnB). O projeto “Educa Covid-19 – Prevenção do Cotidiano da UnB” em parceria com a Diretoria de Atenção à Saúde da Comunidade Universitária (DAC/DASU), tem desenvolvido estratégias de comunicação para conscientizar membros da comunidade acadêmica que continuam a frequentar os *campi* da referida universidade sobre as medidas de prevenção contra COVID-19. Uma dessas estratégias foi a publicação em formato digital de uma série em quadrinhos intitulada “UnB contra Covid”. O material mostra o cotidiano e as situações vivenciadas pelos funcionários terceirizados da instituição de ensino no exercício de suas atividades. A publicação conta com dois volumes já lançados, de um total de três, com o primeiro ilustrando o cotidiano de recepcionistas e o segundo dá foco ao trabalho de vigilantes (SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO DA UNB, 2021).

Diante das questões apresentadas é possível perceber que os quadrinhos podem exercer um papel de extrema importância na educação de alunos, possibilitando que os mesmos tenham contato com uma mídia que mistura tipos diferentes de linguagem, é uma forma mais atrativa de leitura, especialmente para alunos de séries iniciais, e possibilita a abordagem de diversos assuntos em suas páginas. Contudo, para que seu uso seja feito de forma eficiente o bibliotecário e o professor, devem ter um certo nível de conhecimento sobre essa mídia, sabendo explorar seu conteúdo e planejando metodologias eficientes para que seja despertado nos estudantes, a curiosidade, a vontade de ler e posteriormente o desenvolvimento do hábito da leitura.

Apesar de tudo o que já foi proposto e feito com quadrinhos em ambientes escolares, ainda é nítido que há a falta de um planejamento mais adequado para tal. Bibliotecários e professores, via de regra, recebem pouca ou nenhuma instrução de como lidar com esses

materiais durante sua formação, cabendo a eles por interesse próprio buscar formas de se aprofundar e desenvolver metodologias de aplicação. Ramos (2015) explica que ainda há um déficit nas políticas educacionais brasileiras, onde não há uma discussão de como levar os quadrinhos para a sala de aula. O pesquisador aponta que algo semelhante acontece nos cursos de formação de professores. Ainda segundo Ramos (2015, p. 437), o uso de quadrinhos que se tem notícia na educação ainda é muito tímido, “[...] as experiências se resumem a reflexos de como os quadrinhos são abordados nos livros didáticos, no ENEM [...] ou em exames vestibulares. [...] Parece inexistir uma proposta clara e abrangente de trabalhar tais textos multimodais”. Portanto, embora haja pesquisas que se debruçam sobre o uso de quadrinhos em escolas e bibliotecas escolares, parece haver um grande distanciamento da teoria para a prática.

4 METODOLOGIA

A seguir será apresentado o percurso metodológico escolhido para a investigação do objeto de pesquisa.

4.1 Tipo de estudo

A fim de atingir os objetivos estabelecidos anteriormente foram utilizados métodos consolidados na literatura. Dentre as abordagens metodológicas existentes, optou-se pela de natureza qualitativa, pois essa proporciona um aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, entre outros. Pesquisas que adotam essa abordagem se preocupam com os aspectos da realidade que não podem ser quantificados, direcionando seu foco para a compreensão e explicação de dinâmicas das relações sociais, (FONSECA, 2002). No entendimento de Minayo (2002, p. 21), a pesquisa qualitativa:

Responde a questões a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Dessa forma, o trabalho se configurou como uma pesquisa qualitativa, sendo esta a mais adequada para analisar os dados obtidos, pois são de caráter subjetivo e a pesquisa em si possui um viés social, não se preocupando em quantificar dados provenientes do contexto pesquisado.

Optou-se pela pesquisa de cunho exploratório, por ser a que mais se adequava na obtenção de resultados fidedignos no tocante ao contexto das bibliotecas escolares da cidade de Fortaleza, o que permitiu alcançar os objetivos elencados anteriormente. Segundo Gil (2002, p. 41), esse tipo de pesquisa busca prover uma maior familiaridade com o problema pesquisado, tornando-o mais explícito ou possibilitando a construção de hipóteses. Possui um planejamento flexível “de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado”. Em alguns casos, esse tipo de pesquisa envolve levantamento bibliográfico, entrevistar pessoas com práxis no assunto pesquisado, e análise de exemplos que “estimulem a compreensão”. (SELLTIZ *ET AL.*, 1967, p. 63 *apud* GIL, 2002, p. 41).

A flexibilidade desse método permite sua aplicação em conjunto com outros, dessa forma, para este trabalho, optou-se pelo uso da pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo.

A pesquisa bibliográfica consiste na consulta de materiais já elaborados, sendo constituída principalmente de livros, trabalhos acadêmicos e artigos científicos. Este tipo de pesquisa é exigida em grande parte dos estudos realizados, contudo há casos em que são desenvolvidos exclusivamente por meio de fontes bibliográficas, como é o caso de estudos exploratórios, em que parte significativa deles é definida como pesquisa bibliográfica (GIL, 2002). O estudo bibliográfico foi apenas uma parte da pesquisa, sendo realizada com o intuito de alcançar certos objetivos e contextualizar para o leitor o que são quadrinhos, sua história no Brasil e de que forma esse tipo de mídia pode ser utilizado no contexto da biblioteca escolar. Tal contextualização foi feita tomando por base obras publicadas e consolidadas na temática da pesquisa.

Para compor o material para pesquisa bibliográfica, foram pesquisadas produções científicas (artigos, teses) e livros relacionados com a temática em questão. Inicialmente, foram buscados textos de autores renomados na pesquisa sobre histórias em quadrinhos como: Waldomiro Vergueiro, Paulo Ramos, Álvaro De Moya, Moacyr Cirne e Gonçalo Junior. A leitura de algumas das obras desses autores serviram para que houvesse um aprofundamento sobre histórias em quadrinhos, seja em termos históricos ou teóricos. Em seguida, o mesmo foi feito em relação às bibliotecas escolares, tendo autores como Bernadete Campello, Maria da Conceição, Valéria Aparecida Bari e Oswaldo Francisco Almeida Júnior. Após essa etapa, iniciou-se o processo de busca por artigos e dissertações que abordassem as histórias em quadrinhos no contexto da biblioteca e também que abordassem esses elementos separadamente, isso permitiu a leitura de estudos que tinham pontos de vista e que contribuíram para esta pesquisa. A busca por esses materiais foi realizada em fontes de informação como a Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI)¹⁴, Portal de Periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)¹⁵ e Google Acadêmico¹⁶. Para realizar as buscas nessas fontes, utilizou-se palavras-chave como: histórias em quadrinhos, biblioteca escolar, prática da leitura, formação de leitores, bibliotecário escolar. Conforme o avanço das leituras, tomou-se contato com diversas outras pesquisas usadas pelos autores do artigo lidos e temáticas que não haviam sido pensadas em abordar na pesquisa como a relação entre professores e bibliotecários enquanto colaboradores e no tratamento das histórias em quadrinhos dentro do acervo.

¹⁴ <https://www.brapci.inf.br/>

¹⁵ <https://www-periodicos-capes-gov-br.ez11.periodicos.capes.gov.br/index.php?>

¹⁶ <https://scholar.google.com.br/?hl=pt>

Além das publicações encontradas nas fontes de informação citadas anteriormente, foram lidas aquelas oriundas do Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar (GEBE)¹⁷ da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e dos anais das Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos, encontro organizado pela Escola de Comunicação e Artes (ECA), da Universidade de São Paulo (USP). A leitura dos artigos encontrados permitiu não só um maior aprofundamento no assunto pesquisado como também proporcionou um maior conhecimento sobre autores de referência na área dos quadrinhos e no estudo de bibliotecas escolares contemporâneas.

Além de produções científicas e de livros, foi necessário pesquisar publicações institucionais em órgãos governamentais. Publicações feitas pelo MEC foram importantes para compreender a situação atual das bibliotecas escolares no país e também para demonstrar a presença de quadrinhos em suas estantes. Tomou-se conhecimento dessas publicações por meio da leitura de artigos que tratavam das histórias em quadrinhos no contexto escolar, sendo algumas dessas publicações os já citados PCN, publicações do PNBE, e o Censo da Educação Básica Nacional.

Portanto, a aplicação dessa metodologia deu subsídios para a compreensão do tema da pesquisa e para alcançar os objetivos propostos, identificando de modo geral a relação entre os quadrinhos e as bibliotecas escolares. Posteriormente, para averiguar como esta realidade se configura na cidade de Fortaleza, foi necessário a aplicação de questionário como instrumento para coleta de dados, que será melhor explicado na seção seguinte.

4.2 Instrumento de coleta de dados

Para esta pesquisa foi selecionado o questionário como instrumento de coleta de dados. Para Gerhardt e Silveira (2009), o questionário é um instrumento formado por uma série de perguntas formuladas com uma linguagem simples e direta e que vai facilitar a compreensão de quem estiver respondendo. Acrescentam ainda que esse instrumento busca levantar opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas.

Gerhardt e Silveira (2009, p. 70) explicam que durante a elaboração de um questionário o pesquisador precisa estar atento a certas normas, a fim de aumentar sua eficácia e validade. Durante a organização de um questionário é importante levar em consideração “[...]os tipos, a ordem, os grupos de perguntas, sua formulação, além de tudo aquilo que se

¹⁷ <http://gebe.eci.ufmg.br/>

sabe sobre percepção, estereótipos, mecanismos de defesa, liderança etc.” Ao todo, existem três tipos de questões, são eles: aberta, fechada e mista (fechadas e abertas).

As perguntas abertas permitem que o participante responda livremente as questões. Nas fechadas, o participante deve escolher a sua resposta dentro de uma lista predeterminada, indicando aquela que mais se adequa à informação que ele deseja fornecer. Essa característica favorece uma padronização e uniformização dos dados coletados pelo questionário. Por fim, as perguntas mistas consistem em uma união das anteriores, em que há uma lista predeterminada e dentre elas existe a opção de item aberto (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Existem vantagens e desvantagens no uso do questionário como instrumento de coleta de dados. Algumas das vantagens são: economia de tempo, atinge maior número de pessoas em menor tempo, maior liberdade nas respostas, maior tempo para respostas, etc. Dentre as desvantagens estão: a percentagem pequena de questionários que retornam, perguntas sem respostas, não é possível ajudar o participante em caso de dúvida, o desconhecimento das circunstâncias em que foram preenchidos torna difícil o controle e a verificação, nem sempre é o escolhido que responde ao questionário invalidando as respostas, etc. (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Para a presente pesquisa, optou-se por elaborar um questionário em meio eletrônico utilizando o *Google forms*¹⁸, uma ferramenta do Google para elaboração de formulários e questionários. As perguntas foram divididas em três categorias, a primeira teve como objetivo entender de que forma as bibliotecas escolares participantes da pesquisa atuam no seu dia a dia e qual a opinião dos bibliotecários sobre histórias em quadrinhos. A segunda buscou compreender de que forma os quadrinhos são tratados no acervo e como são disponibilizados para os usuários. E por fim, a terceira categoria buscava averiguar quais atividades a biblioteca realiza utilizando histórias em quadrinhos e se os professores e alunos se envolvem nas mesmas. Das dezessete perguntas, apenas treze foram apresentadas aqui, visto que quatro delas eram voltadas para atender a possibilidade de haver bibliotecas escolares sem quadrinhos no acervo, o que não foi o caso de nenhum dos participantes. A fim de evitar um problema comum quando se aplica questionários, o não retorno das respostas, algumas das perguntas não foram marcadas como obrigatórias, apenas aquelas consideradas essenciais para os objetivos da pesquisa. Isso permitiu que os participantes não se sentissem desestimulados a responder o questionário devido ao grande número de perguntas discursivas.

Foi elaborada uma lista com dez escolas, que poderiam se encaixar na pesquisa por possuírem biblioteca em sua estrutura. Para entrar em contato com os potenciais participantes

¹⁸ <https://www.google.com/intl/pt-BR/forms/about/>

da pesquisa, foi utilizado o número de contato das bibliotecas escolares, um dado disponibilizado nos sites das escolas. Houveram casos em que o número de contato direto com a biblioteca não era encontrado, diante disso, optou-se por entrar em contato direto com a escola e foi solicitada a transferência da ligação para a unidade de informação. Houveram casos em que as escolas se recusaram a permitir o contato com a biblioteca, afirmando que isso só poderia ser realizado presencialmente. Diante disso, as escolas que não permitiram o contato com sua biblioteca, foram descartadas da pesquisa devido à impossibilidade de realizar a pesquisa presencialmente. Outro motivo que levou a eliminação de escolas da pesquisa foi a impossibilidade de contato com os bibliotecários por estarem trabalhando em horário reduzido, o que dificultou o diálogo com os profissionais que atuavam nessas unidades de informação.

Ao todo, cinco das dez primeiras escolas foram descartadas. Posteriormente, foi feito contato com outras duas escolas indicadas por profissionais da área da biblioteconomia. Por fim, três escolas que tiveram contato com o questionário, este provavelmente compartilhado por algum participante da pesquisa, tomaram a liberdade de respondê-lo sem que o autor solicitasse. Durante o contato com os bibliotecários foi explicado como funcionaria a pesquisa e perguntado se estes estariam dispostos a participar. Após a aceitação, foi solicitado um e-mail para realizar o envio do formulário, que ficou disponível para receber respostas durante um mês. Ao todo, dez bibliotecários e bibliotecárias escolares participaram da pesquisa respondendo às perguntas propostas. Desses dez participantes, oito são do gênero feminino e dois do gênero masculino.

Para a análise dos dados obtidos, optou-se pela utilização da análise de conteúdo, que de acordo com Bardin (2004, p. 41), é uma “análise das comunicações, que visa obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem as inferências de conhecimentos relativos de condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (*apud* SOUSA; SANTOS, 2020, p. 1400). Portanto, a análise de conteúdo é um método de tratamento dos dados obtidos na pesquisa qualitativa. Essa técnica de análise consiste em três etapas: 1) a pré-análise, onde o pesquisador organiza o material para que se torne útil à pesquisa; 2) exploração do material, processo em que se categoriza o estudo. A definição das categorias é classificada, indicando elementos constitutivos de uma analogia de significância na pesquisa; e 3) tratamento dos resultados, etapa que se destina à busca de significação de mensagens através da primeira, sendo um momento de análise crítica e reflexiva (BARDIN, 2004, 2010 *apud* SOUSA; SANTOS, 2020).

Após o período de um mês, o questionário foi bloqueado para receber novas respostas, de modo que teve início a primeira etapa do processo de análise de conteúdo, a pré-análise. Durante a leitura, percebeu-se que três dos respondentes não se encaixavam no recorte da pesquisa, pois não eram bibliotecários escolares de Fortaleza, dessa forma, suas respostas foram desconsideradas. A partir da leitura das respostas dos participantes, foi possível identificar e extrair os principais pontos de suas falas que contemplam os objetivos da pesquisa. Seguindo para a segunda etapa do processo, a exploração do material, percebeu-se que a categorização feita no questionário já seria o suficiente para contemplar esta parte do método, portanto, ficaram preestabelecidas as três categorias mencionadas anteriormente: 1) atividades do dia a dia dos bibliotecários e sua opinião sobre os quadrinhos; 2) tratamento e organização do acervo de quadrinhos; e 3) uso de quadrinhos na prática da leitura. O uso dessas categorias é possibilitado por se pautarem em conceitos e ideias já discutidas no referencial teórico desta pesquisa, confirmando a pertinência dessa organização. Por fim, foi realizada a etapa final da análise de conteúdo, onde foi realizada uma investigação crítica e reflexiva sobre as respostas dos participantes, tomando como base o referencial teórico abordado nos capítulos anteriores e levando em conta as limitações do instrumento aplicado.

Por fim, foi necessário estabelecer um critério ético para a aplicação do questionário. Neste trabalho, não foram revelados os nomes dos participantes, muito menos os nomes das instituições nas quais trabalham. Isso evitou qualquer tipo de exposição ou constrangimento para os participantes que estão contribuindo para esta pesquisa de forma voluntária. O uso do questionário contribuiu para esse aspecto da pesquisa, visto que dentre suas vantagens mencionadas anteriormente encontra-se o anonimato dos participantes. Na introdução do questionário ficou registrado que a solicitação do nome da instituição na qual o bibliotecário trabalha só foi coletada para fins de controle e organização das respostas e estes não foram divulgados de modo algum. Apenas por fins de caracterização, é possível revelar que das escolas participantes, nove são privadas e uma é pública. O capítulo seguinte trouxe a análise das respostas obtidas com a aplicação do questionário.

5 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo, serão apresentadas as respostas dos bibliotecários e bibliotecárias escolares que aceitaram participar da pesquisa. Suas respostas, quando possível, serão analisadas e discutidas individualmente com base no arcabouço teórico exposto nos capítulos anteriores e em outras fontes pertinentes para o assunto em questão. Após a transcrição de todas as respostas, haverá um comentário geral sobre o que foi interpretado e compreendido.

A fim de preservar a identidade dos participantes, seus nome e instituições de ensino na qual atuam não serão revelados, sendo identificados apenas pelo tempo “participante” e um número, dessa forma será respeitado o critério ético estabelecido anteriormente e honrando o acordo firmado no início do questionário da pesquisa (Apêndice A). A disposição das respostas irá seguir a divisão proposta na metodologia.

5.1 Opinião dos bibliotecários sobre histórias em quadrinhos

A primeira parte do questionário consiste em verificar a opinião dos bibliotecários sobre as histórias em quadrinhos, mas antes disso, foi perguntado para os participantes quais tipos de atividades eram realizadas na biblioteca escolar em que trabalham, com o objetivo de ajudar os alunos a desenvolverem o hábito da leitura. Foram obtidas as seguintes respostas:

Além do marketing interno, utilizo a conversa com uma das principais atividades (PARTICIPANTE 1).

Feira literária de trocas de livros, Programas de bibliotecas volantes e circulantes, etc (PARTICIPANTE 2).

Projetos e programas de leitura, cursos, oficinas, clube de leitura, acompanhamento semanal, visitas guiadas, exposições literárias, campanhas literárias, concursos literários, adoção de plataformas de leitura digital, treinamento com as famílias, aulas especiais na biblioteca e aquisição regular de novas publicações para formação de acervo de publicações (livros e periódicos) (PARTICIPANTE 3).

Oficinas, contação de história, exposição de livros e ações temáticas sendo voltadas para tema de acesso o livro e a leitura, considerando que essa última pode ser realizada em diferentes suportes (PARTICIPANTE 4).

Contações de histórias, momentos literários com escritores, oficinas HQs, projetos em parceria com os professores, leituras compartilhadas com temáticas relevantes por faixa etária ... (PARTICIPANTE 5)

Contação de história com recursos imaginativos e criativos (PARTICIPANTE 6).

Rodas de leitura (PARTICIPANTE 7).

Percebe-se então, que os bibliotecários e bibliotecários fazem uso dos mais variados recursos para chamar atenção de seu público para a biblioteca e exercer seu papel como mediador da leitura e contribuir para o “[...] crescimento pessoal, social e cultural [...]” (COMITÊ PERMANENTE DA SEÇÃO DE BIBLIOTECAS ESCOLARES DA IFLA, 2016, p. 19) dos alunos. Mesmo que em alguns casos a realização de algumas atividades possa ser limitada por questões de recursos e estrutura, cada biblioteca pode se adaptar e propor atividades alternativas que irão despertar nos alunos o interesse pela biblioteca e pela leitura, contribuindo para sua formação escolar e cultural.

Apesar do histórico conturbado que bibliotecas escolares têm, cada vez mais profissionais da área da biblioteconomia tem se empenhado em ganhar seu espaço dentro de instituições de ensino básico, perdendo o antiquado estigma de depósito de livros e se tornando um local que proporciona informação, diálogo, troca de experiências, entre outras contribuições que a biblioteca escolar pode oferecer.

Partindo para a segunda pergunta, os bibliotecários foram questionados quanto ao tipo de apoio que a biblioteca fornece para os professores no dia-a-dia da escola. Tanto esta quanto a pergunta anterior visam compreender de um modo geral, como os bibliotecários estão interagindo e fornecendo apoio para seus principais usuários, alunos e professores. Para a pergunta dois, foram obtidas as seguintes respostas:

Ainda estou trabalhando no processo da biblioteca ser o complemento da sala de aula, mas utilizamos como forma de pesquisa e leitura (PARTICIPANTE 1).

A pergunta número dois não era obrigatória dentro do formulário, portanto o participante 2 optou por não respondê-la.

o acervo é desenvolvido em prol das disciplinas e da formação literária dos alunos, o espaço funciona como um laboratório para projetos, leituras e há reuniões com os professores para projetos e novos serviços. é importante sempre o bibliotecário formar parceria com a área pedagógica da instituição e participar das atividades de planejamento (PARTICIPANTE 3).

Através de parcerias com escolas implantando projetos que levam até a escola parte do acervo com outras opções de leitura para além do que é proposto na sala de aula e do que é ofertado na biblioteca escolar. (PARTICIPANTE 4).

A parceria bibliotecário e professor é imprescindível, o apoio bibliográfico, assistência aos projetos de sala bem como as ações conjuntas. Biblioteca e sala de aula (PARTICIPANTE 5).

Trabalhamos com diversos projetos de incentivo a leitura, a participação ativa da biblioteca do cotidiano do aluno em aulas, trabalhos e outras atividades do calendário escolar (PARTICIPANTE 6).

Suporte de material (PARTICIPANTE 7).

As diretrizes para bibliotecas escolares elaboradas pela IFLA e UNESCO (*United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*) já destacam em seu texto, a importância da relação entre a biblioteca escolar e os demais elementos que compõem a escola, especialmente professores e professoras. Dentre as possibilidades destacadas pelo texto, estão o desenvolvimento e avaliação do aprendizado dos alunos de acordo com o plano escolar; desenvolver as habilidades e competências informacionais dos alunos; planejar e preparar projetos especiais de trabalhos em ambientes de aprendizagem, incluindo a biblioteca; o mesmo se aplica para programas de leitura e eventos culturais; a integração de tecnologias da informação ao programa da escola. Portanto, atividades como a elaboração de políticas de desenvolvimento de coleções, planejamento e implementação de programas escolares, são tarefas que possibilitam a colaboração entre bibliotecários e professores no ambiente escolar (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E INSTITUIÇÕES, 2005). Isto posto, ao avaliar as respostas dos participantes, percebemos que os bibliotecários e bibliotecárias estão cientes da importância dessa parceria e a realizam em diferentes níveis de colaboração, algumas estando mais próximas do que é proposto pelas diretrizes da IFLA/UNESCO. Aqui, no entanto, não é possível avaliar o quão eficiente é essa colaboração, sendo necessário um olhar mais próximo e direcionado, algo que não é a proposta da pesquisa em questão.

É importante reiterar o que já foi dito no capítulo 3, pois como foi abordado, essa colaboração entre professor e bibliotecário nem sempre é simples ou possível de ser alcançada, especialmente no Brasil, onde por gerações, alunos passaram pelo ensino básico sem utilizar uma biblioteca. Como já dito por Mota (2004), existem certos fatores que contribuem para esse cenário de afastamento entre esses dois profissionais. Outro fator que influencia esse afastamento entre professores e bibliotecários, é o fato de que muitas escolas não possuem bibliotecário, algo já discutido nesta pesquisa. Contudo, uma vez que essas barreiras são rompidas, a parceria entre esses dois profissionais em prol de um objetivo em comum, o desenvolvimento dos alunos, podem ser muito benéficas.

Isto posto, percebemos que a relação entre professor e bibliotecário deve ser muito próxima, um trabalho em conjunto no qual ambos tenham os mesmos objetivos e empenho

em atividades de planejamento e execução. Apesar de não ser possível uma análise mais aprofundada sobre a relação de colaboração entre os bibliotecários participantes e professores, ainda é possível observar que, com base nas respostas, essa relação possui uma variação, afinal, são escolas em contextos relativamente diferentes. Alguns dos participantes aparentam estar mais próximos da definição apresentada anteriormente por Montiel-Overall (2005) para colaboração, enquanto outros estão mais distantes, fornecendo um apoio mais pontual. As razões para isso podem ser várias, indo desde questões relacionadas à cultura organizacional da escola até questões materiais e estruturais.

Após tomarmos ciência de como as bibliotecas escolares tem realizado parte de suas atividades, em específico aquelas que são voltadas para mediação da leitura, formação de novos leitores e o modo como essas unidades de informação se relacionam com o corpo docente da escola, partimos para a busca das relações entre bibliotecários e o objeto de estudo desta pesquisa, as histórias em quadrinhos. Para este fim, a terceira pergunta se propôs a questionar os bibliotecários sobre sua opinião em relação a presença de histórias em quadrinhos na biblioteca. Foram obtidas as seguintes respostas:

Acho muito importante, além de trazerem histórias com diversos temas é uma forma de puxar os alunos para o mundo da leitura (PARTICIPANTE 1).

De suma importância, pois atiza o hábito da leitura (PARTICIPANTE 2).

é de suma importância. As histórias em quadrinhos aproximam os leitores da próxima fase de leitura para o consumo de livros mais densos como contos, crônicas e romances, os quadrinhos ajudam a fortalecer o vínculo leitor, pela associação de que a leitura é divertida e oferecer conhecimentos e prazer, por ler as histórias muito bem elaboradas, seja da Turma da Mônica, dos Quadrinhos da Disney, sejam da Marvel, da DC, entre outros. ler quadrinhos é a porta de entrada para o universo leitor, para no futuro a criança ter acesso a leituras mais críticas da realidade. Os quadrinhos ainda despertam a habilidade nas crianças e adolescentes de terem a coragem de fazerem seus próprios traços, desenhos, histórias, roteiros, se familiarizar com personagens e buscar compreender sua identidade com a identidade dos personagens (PARTICIPANTE 3).

Um ponto interessante na resposta do participante 3 e que vale ser destacado aqui é quando este fala sobre os quadrinhos serem apenas uma etapa que levará o aluno para “a próxima fase de leitura para o consumo de livros mais densos como contos, crônicas e romances[...]” (PARTICIPANTE 3). Posteriormente em sua fala, algo semelhante é dito: “ler quadrinhos é a porta de entrada para o universo leitor, para no futuro a criança ter acesso a leituras mais críticas da realidade” (PARTICIPANTE 3). A tônica dada aqui, neste ponto específico da resposta do participante 3, é a visão de que as histórias em quadrinhos servem

como um meio para alcançar a leitura mais complexa presente nos livros. Essa ideia desqualifica as histórias em quadrinhos como uma leitura completa, que vale por si mesma. Como já mencionado anteriormente, a leitura de quadrinho é sofisticada e seu sistema é complexo. Borges (2009) já menciona a riqueza presente nas páginas dos gibis, resultado da semiose entre o verbal e o não verbal.

Portanto, o ato de ler histórias em quadrinhos é um processo que se sustenta por si mesmo e que pode desenvolver a prática leitora nos alunos, não sendo necessário que esta sirva apenas como um meio para que eles se aproximem da leitura dos livros. O interesse pela leitura de livros pode ocorrer de forma natural, sem que haja a interferência de pais, professores e bibliotecários, que por vezes desqualificam a leitura de quadrinhos feita pelos mais jovens, ato que pode até afastá-los da leitura de modo geral.

Facilita o incentivo e o gosto, pois considero ser interativa e dinâmica a história em quadrinhos, prendendo a atenção tanto no texto quanto nas ilustrações(desenhos) que expressam o que se está lendo (PARTICIPANTE 4).

Contribuem fortemente para o despertar da leitura, sendo um aliado no ensino. Com histórias e valores em diferentes níveis de complexidade que permitem a criança, aluno, o interesse aprofundar conhecimento (PARTICIPANTE 5).

Fundamental. Eles consomem bastante esse tipo de leitura e é porta de entrada para outros tipos de escritas (PARTICIPANTE 6).

Atrativo (PARTICIPANTE 7).

Por muitos anos, as histórias em quadrinhos tenham sido consideradas os grandes vilões da educação na visão de pais, religiosos e educadores (inclui-se aí os bibliotecários), pois afastavam as crianças da “boa leitura” de livros, comoção que se tornou um dos fatores que possibilitaram a criação dos CCA (GUEDES, 2017) e do Código de Ética dos quadrinhos nacionais (JORNAL DA ABI, 2011; VARGAS, 2015). Tal cenário foi se atenuando com o passar dos anos, processo que teve início ainda nas décadas de 1950 e 1960, por entre outros fatores, a popularização de aparelhos televisivos. A televisão em certo momento se tornou o vilão, o elemento que afastava as crianças da educação e da leitura, por isso aos poucos os quadrinhos passaram a ser vistos de forma menos intransigente por aqueles que antes os condenavam, afinal, era melhor ler uma história em quadrinhos do que não ler nada. Vale reiterar que nesse período, especialmente nos Estados Unidos, os quadrinhos passaram por um processo de autocensura o que faziam com que as histórias tivessem um teor muito mais leve, com conteúdos socialmente aceitos e educativos, tornando a aceitação deste mais fácil. Além

disso, no Brasil houve, no início dos anos 70, um crescente interesse pelas histórias em quadrinhos no meio acadêmico e que se intensificou nos anos 90 e 2000, como bem relatam Callari e Gentil (2016). Tais fatores serviram em muito para desmistificar ideias errôneas sobre quadrinhos nos levando ao cenário atual, onde com base nas respostas dos participantes, vemos que as histórias em quadrinhos, em geral, já são vistas pelos bibliotecários como uma forma relevante de leitura, que por apresentar uma união de elementos visuais e textuais, contribui no processo de desenvolvimento cognitivo, e sua riqueza de conteúdo pode despertar nos alunos o interesse por assuntos diversos pela e pesquisa. Entretanto, ainda há resquícios de um conceito histórico que inferioriza os quadrinhos como uma leitura menor e que, no auge de sua potência, serve apenas como uma etapa para que jovens passem a ler livros.

Ainda na tentativa de compreender em que ponto está a relação dos bibliotecários com as histórias em quadrinhos, a quarta pergunta buscou saber, na visão dos participantes, quais vantagens e/ou desvantagens as HQs podem trazer para o desenvolvimento da leitura e para o aprendizado dos alunos. As resposta obtidas foram as seguintes:

Vantagem: os alunos terem mais interação e presença na biblioteca.
Desvantagem: eles só se interessarem em ler os quadrinhos
(PARTICIPANTE 1).

Aqui, o participante 1 vê como desvantagem a leitura única e somente das histórias em quadrinhos. De forma semelhante ao participante 3 na questão anterior, vemos aqui um certa desqualificação dos quadrinhos enquanto uma forma de leitura. Como já foi explicado anteriormente, as HQs possuem uma riqueza e sofisticação literária que desenvolve o processo cognitivo dos alunos. No quesito do conteúdo, os quadrinhos também se mostram muito diversificados. O público médio reconhece os famosos super-heróis das editoras americanas DC e Marvel, muito por causa das adaptações cinematográficas e o uso da imagem de personagens como Superman, Batman e Homem Aranha como marca para venda de produtos diversos. O mesmo vale para personagens da Turma da Mônica e Disney, que além dos gibis e animações, estão presentes em produtos variados, sendo encontrados até mesmo em produtos alimentícios encontrados em supermercados. Portanto, é mais comum que os gibis sejam associados com esses personagens, quando na verdade, existe uma infinidade de histórias sendo contadas e temáticas abordadas, tanto em gibis antigos quanto os contemporâneos. Entende-se então, que a leitura exclusiva de quadrinhos não deveria ser vista como um problema.

A pergunta número quatro não era obrigatória dentro do formulário, portanto o participante 2 optou por não respondê-la.

As vantagens é que dependendo do modo como os quadrinhos são apresentados/disponibilizados eles auxiliam na amplitude de visão do mundo, pois apresentam experiências leitoras que formam as crianças e adolescentes a pensar e refletir sobre diversos assuntos do modo seguro, auxiliam na comunicação, na escrita e na capacidade inventiva e criativa, tornam-se elementos de formação leitora, por serem publicações de fácil acesso, em relação ao preço, não exigem muito conhecimento prévio para leituras, e são porta de acesso a futuras leituras de outros gêneros, já que sabemos, que muitos romances, filmes, séries, contos são adaptados para histórias em quadrinhos. e não podemos esquecer que as histórias em quadrinhos modernas, fazem suas críticas sociais as mazelas da sociedade despertando por meio da leitura o processo reflexivo e de atitude de mudança de realidade, quem nunca se inspirou no Homem-aranha ou Mulher-maravilha, ou pode entender mais sobre preconceito e intolerância com o X-men, ou por meio da Turma da Mônica pode aprender do valor das amizades e das boas ações.

Em relação as desvantagens, montar uma coleção de quadrinhos poder ser bastante caro, em relação ao valor das publicações com mais qualidade editorial, muitas instituições não querem investir neste tipo de literatura, pelos altos preços seja de assinaturas ou aquisição unitária. Se não houver também um manuseio adequado, um treinamento aos leitores equipes de biblioteca quanto a preservação/conservação deste acervo, o desgaste das publicações pode ser rápido. existe ainda a concepção de que quadrinhos é uma literatura de baixa qualidade, o que sabemos, como bibliotecários que não é verdade, pois se hoje eu leio com extrema facilidade, escrevo bem, articulo melhor minhas ideias no papel, foi graças a minha mãe que sempre que podia trazia quadrinhos, toda semana, para seu filho ler e gostar de ler novas e mais histórias. Outra desvantagem é não ter um acervo nas bibliotecas escolares ou não ter um plano/projeto pedagógico de uso e fruição dos quadrinhos com os alunos, pois é a partir deles que a introdução a novos gêneros fará ainda mais sucesso. quadrinhos, ao meu ver são a base para leitura e formação do leitor (PARTICIPANTE 3).

O relato do participante 3 é interessante e vale um destaque. Assim como o participante relata, algumas das dificuldades para formar e manter um acervo de histórias em quadrinhos, é o valor dessas publicações. O preço elevado de gibis no Brasil é um reflexo de fatores políticos, econômicos e culturais. Como já abordado anteriormente, na fala de Sollito (2021), este é um dos fatores que afasta leitores dos quadrinhos. Por si só, essa já é uma justificativa compreensível para que bibliotecas escolares tenham um acervo reduzido de histórias em quadrinhos, há ainda de se considerar outros fatores como a conservação dos itens no acervo, pois investir verba na compra de quadrinhos para que estes se deteriorem rapidamente devido ao manuseio inadequado e resultando na necessidade de restauração ou da compra de um exemplar novo, não é viável para uma biblioteca, ainda mais de uma

escolar. Esses fatores podem fazer com que a gerência da biblioteca ou da escola evite a aquisição dessas publicações.

Outro ponto levantado pelo participante 3, é a falta de um “plano/projeto pedagógico” que envolva o uso de hqs. Este déficit de fato acontece, visto que as histórias em quadrinhos e bibliotecários têm um história conflituosa (VERGUEIRO, 2003). A falta de familiaridade com este tipo de publicação, unida a um preconceito histórico, que embora atenuado hoje, mas ainda existente, levam estes profissionais a rejeitarem os quadrinhos presentes no acervo e a não planejar métodos de uso para eles, deixando que fiquem apenas relegados às prateleiras da biblioteca sem serem usados. Esse distanciamento ocorre de forma semelhante entre professores, pois estes durante sua formação, não tomam contato com as histórias em quadrinhos e formas de uso das publicações dentro da sala de aula. Esta discussão será aprofundada na décima terceira pergunta.

Acho que isso relativo, e depende do contexto. Mas é um direito do leitor escolher seu gosto, no entanto, creio eu, que um mediador, um profissional, seja necessário, desde a infância até a adolescência para dar orientações, dicas para que o leitor possa ter autonomia e considerar os diferentes textos que são necessárias para sua vida em diferentes momentos desta: profissional, entretenimento, lazer... (PARTICIPANTE 4).

Habitua a criança à leitura, formando um futuro leitor e assim proporciona melhorias no seu desenvolvimento intelectual entre tantas... (PARTICIPANTE 5).

A vantagem é que eles começam a criar gosto da leitura pela dinâmica do livreto com imagens e a história, a outra vantagem é que eles criam o hábito de frequentar a biblioteca já que os quadrinhos são histórias curtas e temos bastante títulos. Pode vir a ser uma desvantagem se não trabalharmos alguns mecanismos para abrir o horizonte do usuário a outros tipos de leitura, e ele pode ficar condicionado a consumir apenas leituras curtas e com imagens (PARTICIPANTE 6).

Só aspectos positivos. O uso da história em quadrinhos na sala de aula se constitui como uma proposta didático-pedagógica que favorece o incentivo à leitura, transformando o aluno em sujeito crítico (PARTICIPANTE 7).

O que se pode perceber a partir das respostas é que os bibliotecários têm ciência das vantagens que os quadrinhos trazem para os usuários, em especial aqueles que estão no início do processo de desenvolvimento do hábito da leitura. Ao trabalhar o ato de ler histórias em quadrinhos, os bibliotecários podem ajudar os alunos a despertar o interesse por arte, temáticas diversas, pela pesquisa. Para tal, é necessário que haja um planejamento de quais obras estão disponíveis no acervo, quais podem ser adquiridas, quais são adequadas para os alunos, quais temáticas são abordadas, etc. A eficiência deste planejamento vai depender do

conhecimento que o bibliotecário tem de seu público e das obras que ele pretende utilizar. Aprofundar-se nas obras não é uma necessidade exclusiva dos quadrinhos, isso é algo que o bibliotecário deve fazer para qualquer material que esteja presente na biblioteca, mas é enfatizado para os quadrinhos visto que ainda existe um distanciamento entre este e os bibliotecários.

Quanto às desvantagens, percebe-se que alguns bibliotecários ainda veem a leitura exclusiva de quadrinhos como um problema, o que na verdade não é. Ler única e exclusivamente HQs não traz de modo algum malefícios para os jovens, como dito anteriormente, a leitura de gibis apresenta características que a tornam bastante sofisticada. Essa noção é apenas um resquício do preconceito que atacou os quadrinhos no passado e em certa medida ainda ataca. Contudo, existem sim desvantagens, mas elas não são oriundas da leitura em si, mas do contexto social e econômico em que ocorrem as publicações. Como o participante 3 relata, quadrinhos são uma mídia com o valor elevado, fator que dificulta sua entrada no acervo de bibliotecas tornando ainda menor o número de unidades de informação que estão dispostas a disponibilizar este tipo de material para os usuários, e quando estão, são de apenas algumas obras, o que torna o acervo limitado quando no tocante às histórias em quadrinhos.

A quinta pergunta serviu apenas como uma condicional. Nela foi perguntado se a biblioteca na qual os bibliotecários e bibliotecárias participantes trabalham possuem quadrinhos no acervo. Caso a resposta fosse sim, os participantes seriam direcionados para determinadas questões, caso fosse não, seriam direcionados para outras. A totalidade dos participantes responderam que o acervo de suas bibliotecas possuem quadrinhos, portanto, as próximas perguntas serão apenas para esta condição, sendo desnecessário apresentar as perguntas que tomam por base a negativa da questão cinco.

5.2 Organização e disponibilização das histórias em quadrinhos nos acervos

A partir deste ponto, inicia-se a segunda etapa do questionário, onde buscou-se averiguar de que modo as histórias em quadrinhos presentes no acervo da biblioteca escolar estavam organizadas e disponibilizadas para os usuários. Para isto, a pergunta de número 6 foi elaborada para verificar que tipos de histórias em quadrinhos estavam mais presentes nas bibliotecas escolares. Foram apresentadas algumas opções de respostas, Super-heróis; Mangás; Adaptação de obras literárias; Tirinhas; Infantil; e uma opção aberta. Nesta pergunta os participantes poderiam marcar mais de um item. Das opções apresentadas anteriormente,

apenas adaptações de obras literárias e infantil foram marcadas por todos os participantes. Abaixo destes vieram as tirinhas, seguidas pelos quadrinhos de super-heróis, mangás e por fim, o participante 3 marcou a opção aberta e respondeu que sua biblioteca possui cordéis em quadrinhos.

Interessante perceber que as bibliotecas escolares possuem um acervo relativamente diverso no quesito das histórias em quadrinhos, apesar das dificuldades discutidas anteriormente sobre a aquisição desse tipo de obra e da manutenção da mesma no acervo. Isto pode ser um ponto positivo no momento em que o bibliotecário vai fazer uso dos quadrinhos para realizar atividades e projetos educacionais com os alunos, pois com um acervo mais diverso, ele terá mais possibilidades de uso para essa parte do acervo e abará uma maior quantidade de alunos que se interessam por tipos diferentes de histórias em quadrinhos. Entretanto, critica-se aqui a aparente quantidade elevada de adaptações de obras literárias. Como já discutido no capítulo 3, com base em Luiz e Castro (2020), há uma desvalorização dos quadrinhos, especialmente das adaptações literárias quando estes são usados como um objeto menor para atingir um maior, a leitura de livros. Adaptações sempre existiram, o cinema faz isso, o teatro, bem como a televisão. No entanto quando se fala de quadrinhos, há uma evidente preferência, no contexto das escolas e bibliotecas, por histórias em quadrinhos que fazem adaptações literárias. Mesmo a publicação das “Edições Maravilhosas” da EBAL, já citadas anteriormente (LACHTERMACHER; MIGUEL, 1984), tinham como intuito se distanciar do preconceito em relação aos quadrinhos e evitar a ira de religiosos e educadores da época.

Portanto, ter quadrinhos que adaptam obras literárias no acervo não se configura como um problema, o que se problematiza aqui é excesso de tais obras em bibliotecas escolares pelo simples fato estarem adaptando histórias contadas em livros, que alguns ainda consideram como uma forma de leitura superior aos quadrinhos e que estes ao adaptarem obras maiores vão ser utilizados como um forma de “capturar” leitores mais jovens para a leitura de livros. Há então a necessidade de diversificar ainda mais acervos de bibliotecas, com obras que não sejam tão e somente adaptações de outras mídias, de modo que os novos leitores que frequentam a biblioteca, e principalmente bibliotecários e professores, percebam a variedade de histórias em quadrinhos que estão disponíveis e que podem ser usados de diferente formas, tanto para o ensino como para um simples instante de entretenimento.

Dando seguimento, a sétima pergunta foi elaborada com o intuito de saber o modo como os quadrinhos são organizados nas bibliotecas. Geralmente, os quadrinhos não recebem o mesmo tratamento que os livros no momento da classificação e posteriormente para

organização do acervo. Isso se deve em parte pela falta de familiaridade que os bibliotecários têm com esse tipo de publicação, logo, acabam sendo deixados em uma parte separada do acervo sem uma classificação apropriada. Por essa razão, buscou-se identificar qual é a realidade das bibliotecas escolares nesse quesito.

Classificação por cores, varia da idade do aluno (PARTICIPANTE 1).

O uso do sistema de classificação por cores é bastante utilizado em bibliotecas escolares, em geral, utiliza-se uma cor para ser associada à uma disciplina. Seu uso é efetivo por apresentar aspectos lúdicos e atrativos para os usuários de uma biblioteca escolar. Em contrapartida, apesar de sua eficiência, a classificação por cores por si só, pode não ser o suficiente para atender as demandas informacionais e atividades de pesquisa dos alunos. Como aponta a pesquisa de Furtado e Cordeiro (2017), é necessário a realização de um estudo de usuários para revelar se o referido método de organização está adequado para os alunos e se os mesmos sentem dificuldades para fazer uso do acervo.

Alguns são classificados na posição 028.5 - literatura infanto-juvenil; outros na classificação 741.5 - histórias em quadrinhos (PARTICIPANTE 2).

São classificados como revistas (periódicos), mas há alguns livros em formato de quadrinhos, ficando estes na classificação 741.5. Os quadrinhos como livros são buscados no sistema pelos descritores: Caricaturas, desenho animado, cômico, fotonovelas / Quadrinhos além de outros filtros de busca como ano de publicação, editora, título e subtítulo, manchete ou chamada, autores, ilustrador, etc. Já as revistas (quadrinhos) são buscadas como: ano de publicação, editora, título e subtítulo, manchete ou chamada, autores, ilustrador, etc. Mas normalmente as crianças/adolescentes visitam o acervo e por autonomia escolhem as capas e assuntos das histórias que mais chamam sua atenção (PARTICIPANTE 3).

Quando uma história em quadrinhos é incorporada a um acervo, é comum que esta receba um tratamento semelhante ao dos livros, sendo classificada com o uso da CDD (Classificação Decimal de Dewey) e CDU (Classificação Decimal Universal) como é relatado pelos participantes 2 e 3. Contudo, por apresentar características que as diferenciam dos livros, particularidades técnicas, conteúdo, de formato e aspectos cronológicos, este tipo de classificação pode não ser o mais adequado para histórias em quadrinhos, como bem explicaram Souza e Toutain (2010).

Outrossim, apesar de tentativas de mudar esse cenário (PAJEÚ; MAIA; BASSOLI; LIMA, 2007), ainda há uma carência de estudos na área da biblioteconomia e da ciência da informação que envolvam as histórias em quadrinhos, o que afeta o modo como esse material é organizado em bibliotecas e tem o seu potencial limitado enquanto fonte de informação,

Como Gibis/periódicos (PARTICIPANTE 4).

Classificação por faixa etária (PARTICIPANTE 5).

Todos são classificados em quadrinhos. Os quadrinhos e mangás infantis ficam mais acessíveis no expositor da biblioteca, já as adaptações e quadrinhos voltado para o público juvenil adulto ficam na estante de acordo com ordem da CDD (PARTICIPANTE 6).

Gênero (PARTICIPANTE 7).

O que podemos observar com base nas respostas da sétima pergunta é que os bibliotecários utilizam uma variedade de formas para organizar o acervo de quadrinhos, que provavelmente vai de acordo com o tamanho do acervo e estrutura da biblioteca. Alguns utilizam os métodos de classificação convencionais, como a CDU e até a classificação por cores, bastante comum em bibliotecas escolares. Já outros, fazem uso de métodos alternativos que possivelmente são mais adequados para o acervo, então foram citadas a classificação por gênero, tipo de publicação e por faixa etária.

Dando as devidas proporções, pois aqui não sabemos a estrutura dessas bibliotecas escolares e se é possível fazer uso de métodos tradicionais de classificação, o fato é que nenhum desses métodos é realmente adequado para as histórias em quadrinhos. Ao se debruçar tardiamente sobre o estudo do conteúdo informacional de documentos imagéticos, a ciência da informação não supriu a necessidade de um olhar mais atento para pinturas, fotografias e histórias em quadrinhos, o que levaria ao desenvolvimento de métodos de representação adequados para esse tipo de material. Um método que olhasse para o conteúdo textual e imagético possibilitaria uma representação mais adequada do documento, não só tratando de seu enredo, mas do estilo artístico, gênero e temas da obra (SOUZA; TOUTAIN, 2010).

Na pergunta seguinte (8ª), os participantes foram questionados quanto ao modo de disponibilização das histórias em quadrinhos, sendo estes o empréstimo ou consulta local. Tal pergunta encontra sua justificativa nas atuais publicações do mercado brasileiro de quadrinhos, um mercado que se desenvolveu bastante e que tem em seu público, consumidores que estão dispostos a adquirir publicações com um acabamento mais luxuoso, com capa dura e papel de alta qualidade, permitindo que os quadrinhos durem mais em suas coleções. Ainda existem publicações mais simples e acessíveis para o público leitor com capa mole e um papel mais barato, mangás, quadrinhos da Turma da Mônica e Disney são exemplos disso. Em geral, por possuírem quadrinhos deste tipo, as bibliotecas tendem a

evitar o empréstimo das obras, a fim de que seu tempo de deterioração não seja encurtado. Todavia, mesmo quadrinhos infantis como Turma da Mônica e Disney, possuem publicações luxuosas que visam um público leitor mais velho e com maior poder aquisitivo, que deseja ter essas histórias de forma mais permanente. Essa pode ser uma alternativa viável para bibliotecas cujo público, em sua maioria, são de crianças e que querem preservar seu acervo.

Além do que foi exposto sobre formatos e preservação, é necessário levantar o debate sobre liberdade dada aos alunos para lerem aquilo que desejam, no local em que desejam. Limitar o local de leitura de uma obra do acervo apenas a biblioteca pode afastar o usuário deste local, assim como limitar aquilo que ele pode ler ou o tipo de material que está lendo pode fazer com que o aluno se distancie cada vez de ambientes como a biblioteca e talvez da leitura como um todo. Destarte, a pergunta em questão busca saber como essa disponibilização ocorre nas bibliotecas escolares.

Para os dois (PARTICIPANTE 1).

Alguns para empréstimo e outros para consulta local (PARTICIPANTE 2).

Para empréstimos, pois acreditamos no potencial de formação leitora que os quadrinhos oferecerem aos nossos alunos (PARTICIPANTE 3).

Empréstimo (PARTICIPANTE 4).

Empréstimos domiciliares (PARTICIPANTE 5).

Eles podem realizar empréstimos (PARTICIPANTE 6).

Empréstimo (PARTICIPANTE 7).

Como podemos perceber, a maioria das bibliotecas oferecem seu acervo de quadrinhos para empréstimo para os estudantes. Isso mostra uma evolução da visão dos bibliotecários sobre os quadrinhos, sendo considerados como uma forma de leitura válida e importante para os alunos, mesmo que em alguns casos seja usada apenas como um artifício para alcançar a leitura de livros. Além disso, ao dar autonomia para que eles leiam os quadrinhos não só apenas na biblioteca, faz com que os alunos não se sintam presos ou limitados, resultando em um retorno mais frequente à biblioteca.

Além de um acervo bem organizado e de uma boa curadoria de títulos, é importante que o acervo de quadrinhos, aliás, todo o acervo da biblioteca, seja divulgado, exposto e apresentado para os alunos, professores e demais membros da comunidade escolar. Tal noção vai de encontro à terceira Lei de Ranganathan, para cada livro seu leitor, que dentre outros elementos da biblioteca, está relacionada ao serviço de referência e a publicidade do acervo e

biblioteca (RANGANATHAN, 2009). Dessa forma, a nona pergunta vem para questionar os bibliotecários participantes sobre que atitudes têm sido feitas em relação à divulgação do acervo de histórias em quadrinhos e se alunos e professores têm demonstrado interesse nestas obras.

Os alunos sempre estão atrás de novas edições, então o interesse é real. Para promover deixo as edições expostas para os alunos pegarem (PARTICIPANTE 1).

Sim...o interesse é vasto. Fazemos sempre uma feira de troca de gibis (PARTICIPANTE 2).

Os alunos gostam das histórias e personagens, buscam os quadrinhos, mangás, para ler de forma completa, aproveitando cada título disponível, Às vezes os utilizam para criar fanfics, também leiam os quadrinhos da Turma da Mônica em inglês e espanhol. Apesar do ano atípico foram feitos, apenas para constar como exemplo, 991 empréstimos de publicações periódicas (quadrinhos e mangás) de janeiro a outubro de 2021, na biblioteca escolar. Os professores usam as publicações em quadrinhos em atividades pedagógicas e para a leitura. A biblioteca promove a difusão dos quadrinhos e sempre em janeiro promove a semana dos quadrinhos - Comemorado na semana do dia 30 de janeiro. No decorrer do ano fazemos exposições literárias e formações com os leitores, por meio do canva (PARTICIPANTE 3).

O relato do participante 3 é interessante de destacar, pois além de falar sobre o interesse dos alunos e professores pelos quadrinhos, também conta sobre como a leitura dessas obras despertam a criatividade dos alunos. Como dito anteriormente, as HQs podem abordar temáticas diversas e isso traz um enriquecimento do processo criativo dos jovens, algo que é trabalhado ao escreverem *Fanfics* (Narrativa ficcional feita por fã) baseadas no que leram. Além disso, ao possuir obras em outras línguas, os estudantes podem, mesmo sem compreender a narrativa textual, podem compreender a história pelos desenhos, trabalho sua interpretação e, com a ajuda de professores e bibliotecários, aquele aluno pode começar a aprender a língua estrangeira para a qual o gibi foi traduzido.

Por fim, nota-se que há um certo aprofundamento na temática dos quadrinhos por parte da equipe da biblioteca, ao realizar uma semana dos quadrinhos na data de 30 de janeiro, que como já foi dito, é comemorado o dia dos quadrinhos nacionais (CARDOSO, 2013).

Ações (PARTICIPANTE 4).

Sim. Exposição, oficinas etc. (PARTICIPANTE 5).

Há interesse e é bem orgânico (PARTICIPANTE 6).

Apesar de não falar aqui, o participante 6 relatou na resposta da sétima pergunta que deixa quadrinhos no expositor da biblioteca. Tal atitude é uma forma válida de mostrar o acervo e deixar a biblioteca mais atrativa para os usuários e potenciais usuários.

Divulgação nos espaços da escola (PARTICIPANTE 7).

Percebemos que as atividades de divulgação variam, há casos de troca de gibis, exposições das obras de modo que fiquem mais evidente e de fácil acesso para os usuários. Como a maioria das respostas não detalharam como ocorre esse trabalho de exposição, é importante destacar a importância de estudos de usuários para avaliar este tipo de ação, como bem explicado por Lança (2018) e Almeida (2011), a fim de perceber o que pode ser melhorado.

5.3 Atividades de incentivo à leitura

A pergunta número dez dá início à terceira e última etapa do questionário. É por meio desta que se busca averiguar um dos objetivos desta pesquisa. Aqui, os participantes são questionados quanto aos tipos de atividades que são realizadas nas bibliotecas escolares de modo a fomentar o incentivo à leitura utilizando as histórias em quadrinhos.

Atualmente só a leitura do quadrinhos, mas tenho grande interesse de trazer oficinas de desenhos para ter uma maior ligação dos alunos com os quadrinhos (PARTICIPANTE 1)

Fazemos sempre uma feira de troca de gibis com sorteio de brindes (PARTICIPANTE 2).

Exposições literárias, treinamentos, cursos, oficinas e clubes de leitura. Semana dos Quadrinhos (PARTICIPANTE 3).

Roda de leitura, oficinas (PARTICIPANTE 4)

Construindo seu quadrinho através do HQ, empréstimos, leituras livres no espaço HQ (PARTICIPANTE 5).

Eles usam bastante. Principalmente o 1º do fundamental e os professores de português como elementos lúdicos em suas aulas (PARTICIPANTE 6).

Exposições (PARTICIPANTE 7).

Como pode-se observar, as bibliotecas têm sido bastante ativas quanto ao uso dos quadrinhos no incentivo à leitura. Os métodos empregados são variados, indo desde clubes de leituras até produções de HQs. Percebe-se que ao propor a produção de quadrinhos

(participante 5), é trabalhado o processo criativo dos alunos ao desenvolverem uma narrativa textual e visual. É importante destacar que há limitações quanto à realização dessas atividades no âmbito da biblioteca e da escola, visto que o bibliotecário está sujeito a diversas sanções dentro do ambiente escolar, algo já discutido anteriormente e que limita sua atuação no meio escolar. Entretanto, vemos que há um interesse por parte dos profissionais de fazer um maior uso das histórias em quadrinhos nas atividades da biblioteca, como relatado pelo participante 1.

Diante das limitações do uso de questionários, não é possível averiguar exatamente como essas atividades têm ocorrido, especialmente as de clube e rodas de leitura, que parecem ser as mais adequadas e diretas para a discussão sobre os quadrinhos lidos e a mediação da leitura e formação de leitores. Historicamente, o bibliotecário e os quadrinhos têm uma relação conflituosa (VERGUEIRO, 2003), mesmo hoje são raros os cursos de formação de bibliotecários que tenham qualquer disciplina que aborde os quadrinhos, por conseguinte se este profissional tem contato com esse material, é por vontade e gosto próprio. Esse desconhecimento sobre os quadrinhos pode impactar na forma como essas atividades são conduzidas e realizadas, ocorrendo um uso raso dos gibis e não alcançando o resultado esperado. Há a necessidade, portanto, de que o bibliotecário que deseja fazer uso de histórias em quadrinhos na biblioteca se aprofunde em seus diversos aspectos, conhecendo o acervo que a unidade de informação já possui e buscando formas de fazer uso delas para despertar ou criar o hábito da leitura nos jovens alunos. Assim, adequando cada atividade e pensando qual obra é pertinente para um respectivo nível de ensino da escola, o bibliotecário pode aprofundar os debates, indo desde a interpretação dos alunos sobre uma obra, até debates sobre um contexto histórico abordado em um gibi ou o estilo artístico de um quadrinista. Tais atividades, quando bem planejadas e executadas podem não só fazer um aluno se interessar pela leitura e formar um leitor que pensa, reflete e critica, como estimular sua curiosidade, levando-o a ler livros, conhecer autores, se aprofundar em períodos históricos, tipos de literatura, conceitos filosóficos, estilos de arte, ou pode simplesmente ler um outro quadrinho.

Assim sendo, está claro que as possibilidades de uso das histórias em quadrinhos na biblioteca escolar são vastas, mesmo quando diante de certas limitações. É necessário que haja um aprofundamento dos bibliotecários sobre os quadrinhos, compreendendo um pouco dos seus gêneros, estilos artísticos, conteúdos, histórico, dentre outros fatores, que irão permitir o desenvolvimento de atividades que melhor se adequem à realidade da escola na qual estão inseridos. Para isso, é necessário que toda e qualquer biblioteca, realize de forma periódica, estudos de usuários e avaliação do acervo, a fim de perceber as necessidades dos

usuários, o tipo de obras que estão interessados e se a biblioteca está provendo isto para eles, cumprindo um de seus objetivos.

Após tomar ciência de quais atividades são realizadas pelas bibliotecas, foi preciso compreender para qual parcela do seu público de alunos elas são destinadas. Dessa forma, a décima primeira pergunta deu três opções para os participantes assinalarem: alunos de ensino infantil, fundamental ou médio. Os alunos de ensino fundamental são o público que mais recebe atenção neste quesito, seguidos pelo infantil e por último o médio.

A décima segunda pergunta funciona de forma complementar à anterior. Nela, os bibliotecários participantes são questionados quanto aos alunos que mais se interessam por histórias em quadrinhos e de quais séries eles são. As seguintes respostas foram obtidas.

Fundamental I (1º ano ao 5º ano) (PARTICIPANTE 1).

6º aos 9 anos. - ensino fundamental II (PARTICIPANTE 3)

Infantil e Fundamental (PARTICIPANTE 4)

A partir do 1º ano (PARTICIPANTE 5)

Fundamental 1 e 2 (PARTICIPANTE 6)

Tanto o participante 2 como o 7 não responderam a questão visto que ela não era obrigatória.

Ao observarmos as respostas das perguntas 6, 11 e 12, percebemos que há um foco e interesse maior nos alunos do ensino fundamental, algo natural, já que os alunos que estão nessa fase recém aprenderam a ler e estão desenvolvendo seus gostos, aprendendo diferentes tipos de linguagem. Portanto professores e bibliotecários, a fim de trazer mais dinamismo para o processo de aprendizado dos alunos, fazem uso de elementos diferenciados como música, contação de história, histórias em quadrinhos, entre outros.

Entretanto, nota-se com base nas respostas da pergunta 11, que os alunos do ensino médio são o grupo para o qual as atividades envolvendo quadrinhos está menos direcionada. Isto pode ser ocasionado pela proximidade que esses alunos se encontram da conclusão do ensino básico e do posterior ingresso no superior, o que leva profissionais da educação a direcionar esse estudantes para conteúdos que serão cobrados em provas de ingresso em universidades. Contudo, isso não tira a necessidade de que os alunos próximos à conclusão do ensino médio tenham contato com histórias em quadrinhos, a diferença que deve ocorrer entre este grupo e séries iniciais é o aprofundamento e complexidade de ações educativas realizadas nas bibliotecas e na sala de aula. Se no ensino infantil e fundamental, os quadrinhos pode

servir principalmente como uma forma de trabalhar o interesse pela leitura, o desenvolvimento da criatividade e o contato com diferentes tipos de linguagem, para os estudantes de ensino médio podem ser propostos estudos sobre os estilos artísticos como o barroco e o expressionismo, respectivamente nos trabalhos de artistas como Jayme Cortez e Alberto Breccia. Também é possível gerar debates a partir das temáticas abordadas em obras contemporâneas que trabalham questões de representatividades, ou abordar períodos históricos com base no contexto de publicações e como elas afetaram a cultura do país em que foram publicadas. Enfim, as possibilidades são diversas e passíveis de extensão para além do ensino básico e indo até o superior, que hoje no Brasil, ainda não se debruça sobre o estudo de quadrinhos como poderia.

Por fim, a décima terceira pergunta questiona os participantes quanto aos professores e seu interesse nas histórias em quadrinhos, utilizando este material em sala de aula como um recurso que torne as aulas mais dinâmicas e potencialize o interesse e a compreensão dos alunos acerca da temática que está sendo abordada.

Desde que eu entrei no colégio não utilizaram nenhuma história em quadrinho. Mas nos paradidáticos adotados para o próximo ano está incluso um título que será ministrado na disciplina de Filosofia (PARTICIPANTE 1)

Utilizam na sala de aula por meio de quadrinhos digitais, na biblioteca usam os quadrinhos disponíveis de forma impressa e normalmente são os professores de linguagens (português e língua inglesa), mas professores de química e biologia usam para adaptação de aulas também. (PARTICIPANTE 3).

Não sei informar atualmente (PARTICIPANTE 4)

Sim, produção, literatura, gramática (PARTICIPANTE 5).

Sim. Professores da área de humanas usam de forma recorrente (PARTICIPANTE 6).

Novamente, os participantes 2 e 7 não responderam a pergunta, pois a mesma não era obrigatória no formulário.

Nota-se portanto, que na maioria das escolas, os professores fazem uso dos quadrinhos durante suas atividades em sala de aula e com base nos relatos de alguns dos participantes, são professores de Português e História que mais fazem uso de gibis. É comum que professores destas disciplinas sejam os mais propensos a fazer uso de publicações como as histórias em quadrinhos, já que existe uma proximidade um tanto quanto natural das duas matérias com os gibis.

Contudo, algo que não podemos inferir é que ocorre um uso adequado das histórias em quadrinhos dentro da sala de aula. Tal questionamento é levantado, pois como foi dito anteriormente, profissionais que se dedicam ao ensino na educação básica, recebem pouca ou nenhuma instrução de como fazer uso de histórias em quadrinhos durante sua formação acadêmica, ficando a cargo do próprio profissional a busca por aprofundamento em tal material que pode ser mais uma ferramenta de ensino a ser usada em seu dia a dia de ensino. Isso ainda é potencializado pela falta de planos pedagógicos e políticas educacionais que se preocupem em pensar os quadrinhos como um elemento essencial dentro de centros de ensino básico (RAMOS, 2015).

O que se pode concluir é que há sim uma crescente presença das histórias em quadrinhos no âmbito educacional, inclusive de pesquisas no meio acadêmico que discutem as diversas possibilidades dos uso de quadrinhos no ensino básico, contudo, os gibis estão presentes na educação de modo pontual o que não condiz com a potência e riqueza que as histórias em quadrinhos possuem, seja na temática ou na forma. Essa ideia é reforçada ainda no trabalho de Luiz e Castro (2020) onde concluem que apesar das inúmeras pesquisas sobre a presença de quadrinhos na educação, os gibis persistem sendo subutilizados, seja por desconhecimento ou rejeição de educadores. Ainda há um longo e desafiante caminho a ser percorrido para que haja uma apropriação dos estudos que são produzidos no meio científico e sua aplicação prática no ensino básico.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs a averiguar a opinião dos bibliotecários escolares quanto ao uso de histórias em quadrinhos dentro do contexto da biblioteca escolar e quais atividades são realizadas fazendo uso das HQs, com o intuito de formar novos leitores e desenvolver o hábito da leitura.

Antes de partir para a coleta de dados diretamente relacionada aos bibliotecários e as histórias em quadrinhos, viu-se que era necessário, previamente, averiguar de modo geral, como são realizadas as ações que tem como intuito formar leitores nas bibliotecas de Fortaleza. Evidenciou-se que os profissionais da informação inseridos no contexto escolar, tem uma forte preocupação quanto a essa temática e em geral realizaram diversas atividades com esse objetivo, fazendo uso dos mais variados métodos e recursos. Esta variedade não se aplica em todas as escolas, afinal embora próximas, estão em contextos diferentes, sendo necessário uma adaptação por parte do bibliotecário.

Fundamentando-se em leituras e na análise dos dados obtidos nesta pesquisa, foi possível responder os objetivos propostos. Averiguou-se que os bibliotecários possuem uma opinião positiva em relação aos uso de histórias em quadrinhos dentro da biblioteca escolar, reconhecendo a importância e o potencial que esta mídia tem quando usada para trabalhar a leitura dos alunos e indo até além ao desenvolver seu interesse pela pesquisa, pela arte e temáticas diversas que são até mesmo abordadas no contexto da sala de aula. Isso mostra uma evolução se compararmos com o histórico de conflito que educadores tiveram com as histórias em quadrinhos. Contudo, ainda é possível perceber resquício do preconceito que rodeia os quadrinhos. Ademais, ao serem questionados sobre vantagens e desvantagens das histórias em quadrinhos na biblioteca escolar vimos que a maioria dos bibliotecários veem grandes vantagens quanto ao uso desse material, e em contraponto, foram apresentadas algumas desvantagens como o valor dos gibis e a preservação do item no acervo.

No tocante às atividades que usam histórias em quadrinhos na biblioteca escolar, relatadas pelos bibliotecários participantes, percebe-se que os gibis têm sido utilizados de formas diversas dentro do contexto da escola, permitindo que o profissional possa trabalhar a mediação da leitura e formação de novos leitores, fazendo uso um material que dentre suas características é mais atrativo para jovens leitores por seus aspectos lúdicos e por suas histórias abordarem diversas temáticas que dialogam com indivíduos diferentes e por possuir uma sofisticação na linguagem que utiliza. Entretanto, há casos em que as atividades propostas não aparentam se aprofundar no uso das histórias em quadrinhos como ferramenta

de formação de leitores. Isso pode ser consequência da falta de material e recursos para a realização das mesmas e/ou um desconhecimento do bibliotecário sobre os quadrinhos e suas características, limitando ou até afastando ainda mais o profissional do uso adequado deste material dentro da biblioteca. Levanta-se, portanto, o questionamento sobre o impacto que o distanciamento entre as histórias em quadrinhos e a área da biblioteconomia tem na atuação desses profissionais quanto ao uso de gibis dentro da biblioteca, seja para formação de leitores ou outros objetivos.

Além de averiguar o que é alvitado nos objetivos propostos, foram evidenciados outros dados relativos à colaboração entre bibliotecários e professores, mostrando que essa parceria ocorre nas escolas de Fortaleza, e mesmo que aparentemente seja algo pontual, ainda pode trazer benefícios para os alunos. Foi possível compreender também a forma como os quadrinhos são organizados e disponibilizados no acervo, onde ficou evidente que os bibliotecários utilizam de formas variadas para classificar os gibis, indo de acordo com o contexto e o que eles julgam ser mais adequado para as obras disponíveis na biblioteca. Contudo, os métodos não são adequados para as histórias em quadrinhos, visto que falta um sistema de classificação que seja próprio para essa mídia e se preocupe com suas particularidades, permitindo uma representação mais adequada dos itens. Por fim, as bibliotecas demonstram ter uma relativa variedade de gêneros de gibis em seus acervos. Não obstante, há uma predominância de quadrinhos infantis e de adaptações de obras literárias, o que não necessariamente se configura como um problema, mas ainda demonstra uma limitação quanto a abrangência do acervo de modo que hajam quadrinhos que atendam a diferentes gostos e enriquecer o conteúdo presente nas estantes da biblioteca. Apesar disso, quase a totalidade dos participantes relatou que os gibis estão disponíveis para empréstimos, e não apenas para uma consulta local, mais um ponto positivo no processo de formação de leitores, pois dá liberdade para o aluno escolher a obra que deseja ler e se dedicar à leitura da mesma em seu próprio tempo.

Conclui-se, portanto, que as histórias em quadrinhos são uma ferramenta de grande valia na formação de leitores e que o bibliotecário escolar reconhece que a potência das hqs, está na sua utilização como instrumento relevante no sistema de informação que contribui para o aprendizado e disseminação do conhecimento. Ainda assim, é necessário levantar aqui uma provocação sobre o distanciamento que os cursos de formação de bibliotecários ainda mantêm em relação aos quadrinhos, sendo estes um tipo de obra pouco explorada na área da biblioteconomia e ciência da informação, gerando lacunas no entendimento da forma adequada de representação temática, de classificação no acervo e sobre a forma adequada de

utilização dessa mídia. Posto isto, a inserção de estudos de cunho científico sobre o uso das histórias em quadrinhos e suas contribuições para o sistema educacional são pertinentes, sendo função da ciência da informação e da biblioteconomia desmistificar e ampliar o uso de HQs para a formação de leitores nos mais diversos âmbitos, sejam nas bibliotecas escolares, mas também nas públicas, comunitárias e universitárias.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Christina Barbosa de. **Planejamento de bibliotecas e serviços de informação**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2011. Disponível em: http://valentim.pro.br/ensino/pgui/Almeida_Planejamento_Bibliotecas_Unidades_Informacao.pdf. Acesso em: 27 dez. 2021.
- ALMEIDA, Waldinéia Ribeiro; COSTA, Wilse Arena da; PINHEIRO, Mariza Inês da Silva. Bibliotecários mirins e a mediação da leitura na biblioteca escolar. **Revista Abc**, [S.L.], v. 17, n. 2, p. 472-490, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/812>. Acesso em: 17 fev. 2022.
- BARI, Valéria Aparecida; BISPO, Isis Carolina Garcia; SANTOS, Melânia Lima. A biblioteca escolar como espaço de lazer cultural e formação do leitor. **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, v. 5, n. Especial, p. 58-65, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/114067>. Acesso em: 01 set. 2021.
- BARI, Valéria Aparecida; VERGUEIRO, Waldomiro. Biblioteca escolar, leitura e histórias em quadrinhos: uma relação que se consolida. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2009, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: UFPB, 2009. Disponível em: <http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/handle/123456789/77>. Acesso em: 01 set. 2021.
- BECKER, Caroline da Rosa Ferreira; GROSCHE, Maria Selma. A formação do leitor através das bibliotecas: o letramento e a ciência da informação como pressupostos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 35-45, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/viewFile/59/79>. Acesso em: 01 set. 2021.
- BICHERI, Ana Lúcia Antunes de Oliveira; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco. Bibliotecário escolar: um mediador de leitura. **Biblioteca Escolar em Revista**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 41-54, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/berev/article/view/106585>. Acesso em: 1 set. 2021.
- BORGES, Flávia Girardo Botelho. Linguagem e História em Quadrinhos: um estudo sobre as competências lingüísticocognitivas da leitura de crianças e adultos. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS, 5., 2009, Caxias do Sul. **Anais [...]**. Caxias do Sul: Ucs, 2009. p. 1-15. Disponível em: https://www.ucs.br/ucs/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/arquivos/linguagem_e_historia_em_quadrinhos_um_estudo_sobre_as_competencias_linguistico_cognitivas.pdf. Acesso em: 27 dez. 2021.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Censo da Educação Básica 2019: notas estatísticas. Brasília, 2020. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/0/Notas+Estat%C3%ADsticas+-+Censo+da+Educa%C3%A7%C3%A3o+B%C3%A1sica+2019/43bf4c5b-b478-4c5d-ae17-7d55ced4c37d?version=1.0>. Acesso em: 01 set. 2021.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 01 set. 2021.

BRASIL. Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 25 maio 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm. Acesso em: 01 set. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **PCN Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. [2002]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>. Acesso em: 01 set. 2021.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Ministério da Educação. **Orientações curriculares para o ensino médio**. 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf. Acesso em: 01 set. 2021.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. 1997b. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>. Acesso em: 01 set. 2021.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. 1997a. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>. Acesso em: 01 set. 2021.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais : terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 01 set. 2021.

CAFIERO, Delaine. Letramento e leitura: formando leitores críticos. In: RANGEL, Egon de Oliveira; ROJO, Roxane Helena Rodrigues (org.). **Língua Portuguesa: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, 2010. Cap. 4. p. 85-106. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7840-2011-lingua-portuguesa-capa-pdf&category_slug=abril-2011-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 31 ago. 2021.

CAGNIN, Antonio Luís. **Os quadrinhos**. São Paulo: Ática, 1975.

CALDIN, Clarice Fortkamp. Reflexões acerca do papel do bibliotecário de biblioteca escolar. **Revista Abc**, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 163-168, jan./dez. 2005. Disponível em: <http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/431/549>. Acesso em: 01 set. 2021.

CAMPOS, Maria de Fátima Hanaque; LOMBOGLIA, Ruth. HQ: uma manifestação da arte. In: LUYTEN, Sonia Maria Bibe (org.). **Histórias em quadrinhos: leituras críticas**. [S.L]: Paulinas, 1984. p. 01-86.

CARDOSO, Athos Eichler. **Aventuras de Nhô-Quim e Zé Caipora**: os primeiros quadrinhos brasileiros 1869-1883. Brasília: Senado Federal, 2013. (Edições do Senado Federal). Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/521244>. Acesso em: 11 jun. 2021.

CARVALHO, Guido de Oliveira. O uso de histórias em quadrinhos no ENEM, em vestibulares e concursos. In: SEMANA DE INTEGRAÇÃO, 6., 2017, Anápolis. **Anais [...]**. Anápolis: UEG, 2017. p. 677-687. Disponível em: <https://docplayer.com.br/69366025-677-questoes-e-quadrinhos-o-uso-de-historias-em-quadrinhos-no-enem-em-vestibulares-e-concursos.html>. Acesso em: 01 set. 2021.

CARVALHO, Maria da Conceição. Escola, biblioteca e leitura. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; VIANNA, Márcia Milton; CARVALHO, Maria da Conceição; ANDRADE, Maria Eugênia Albino; CALDEIRA, Paulo da Terra; ABREU, Vera Lúcia Furst Gonçalves. **A biblioteca escolar**: temas para uma prática pedagógica. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 01-62.

CIRNE, Moacy. **Bum**: a explosão criativa dos quadrinhos. Petrópolis: Vozes, 1970.

CODESPOTI, Sérgio. **A evolução das adaptações de quadrinhos**. 2017. Disponível em: <https://universohq.com/chiaroscuro/evolucao-das-adaptacoes-de-quadrinhos/>. Acesso em: 11 jun. 2021.

COMITÊ PERMANENTE DA SEÇÃO DE BIBLIOTECAS ESCOLARES DA IFLA. International Federation Of Library Associations And Institutions. **Diretrizes da IFLA para a biblioteca escolar**. 2. ed. Portugal: IFLA, 2016. Disponível em: <https://www.ifla.org/wp-content/uploads/2019/05/assets/school-libraries-resource-centers/publications/ifla-school-library-guidelines-pt.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2021.

CÔRTE, Adelaide Ramos e; BANDEIRA, Suelena Pinto. **Biblioteca escolar**. Brasília: Briquet de Lemos, 2011.

EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte sequencial**: princípios e práticas do lendário cartunista. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E INSTITUIÇÕES. **Diretrizes da IFLA/UNESCO para a biblioteca escolar**. São Paulo: IFLA, 2005. Disponível em: https://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/SchoolLibraryGuidelines-pt_BR.pdf. Acesso em: 27 dez. 2021.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à Biblioteconomia**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2007.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Apostila do curso de especialização em comunidades virtuais de aprendizagem: informática educativa, 2002. Disponível em: <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2012-1/1SF/Sandra/apostilaMetodologia.pdf>. Acesso em: 27 set. 2021.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989.

FURTADO, Cassia Cordeiro; CORDEIRO, Larissa Silva. Estudo de usuários da informação: uma análise do sistema de classificação por cores na biblioteca escolar. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 27., 2017, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: CBBB, 2017. p. 860-871. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/989/850>. Acesso em: 27 dez. 2021.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Ufrgs, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 27 set. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil_como_elaborar_projeto_de_pesquisa.pdf. Acesso em: 27 set. 2021.

GONÇALO JUNIOR,. **A Guerra dos Gibis**: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933-1964. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GONÇALO JUNIOR,. **A viagem que trouxe os quadrinhos de heróis ao Brasil**. 2014. Disponível em: <https://universohq.com/materias/viagem-que-trouxe-os-quadrinhos-de-herois-ao-brasil/>. Acesso em: 11 jun. 2021.

GROENSTEEN, Thierry. **O sistema dos quadrinhos**. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial, 2015.

GUEDES, Roberto. Jack Kirby: o criador de Deuses. 1. ed. São Paulo: Noir, 2017. 220p.

GUERRINO, Rodrigo. Uma vida dedicada à ilustração e aos quadrinhos. In: CORTEZ, Jayme. **Fronteiras do Além**. São Paulo: Pipoca e Nanquim, 2020. p. 01-132.

INÁCIO, Cleoni Fanelli. Na escola com as histórias em quadrinhos. **Comunicação & Educação**, [S. l.], n. 26, p. 101-104, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37477>. Acesso em: 3 set. 2021.

JORNAL DA ABI: a cronologia dos quadrinhos 1. Rio de Janeiro, 21 nov. 2009. Disponível em: <http://www.abi.org.br/category/jornal-da-abi/page/6/>. Acesso em: 11 jun. 2021.

JORNAL DA ABI: a cronologia dos quadrinhos 2. Rio de Janeiro, 23 jan. 2011. Disponível em: <http://www.abi.org.br/category/jornal-da-abi/page/5/>. Acesso em: 11 jun. 2021.

LACHTERMACHER, Stela; MIGUEL, Edson. HQ no Brasil: sua história e luta pelo mercado. In: LUYTEN, Sonia Maria Bibe (org.). **Histórias em quadrinhos**: leituras críticas. [S.L]: Paulinas, 1984. p. 01-86.

LANÇA, Tamie Aline. **Estudos de usuários**. Batatais - Sp: Claretiano, 2018. Disponível em: <https://biblioteca.claretiano.edu.br/anexo/000083/0000833a.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2021.

LUIZ, Lucio; CASTRO, Mônica Rabello de. Histórias em quadrinhos na educação básica: um estudo das representações sociais de professores. **Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, [S.L.], v. 01, p. 145-155, jan. 2020. Disponível em: <https://revista.ufr.br/revista/article/view/e202011/pdf>. Acesso em: 27 dez. 2021.

LUYTEN, Sonia Bide. **Mangá: o poder dos quadrinhos japoneses**. 3. ed. São Paulo: Hedra, 2012.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em: http://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india/vie. Acesso em: 27 set. 2021.

MARINO, Daniela dos Santos Domingues. O mercado de histórias em quadrinhos no Brasil e os suportes para publicação digital. In: JORNADAS INTERNACIONAIS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, 4., 2017, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Usp, 2017. p. 1-13. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/anais2ajornada/anais4asjornadas/q_midia/daniela_dos_santos_marino.pdf. Acesso em: 11 jun. 2021.

MCCLLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: M. Books, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 27 set. 2021.

MIOTELLO, Valdemir; MUSSARELLI, Felipe. O Contexto brasileiro da chegada do mangá e as particularidades de sua publicação no Brasil. **9º Arte**, São Paulo, v. 05, n. 01, p. 45-57, ago. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/nonaarte/article/view/137055/132842>. Acesso em: 11 jun. 2021.

MONTIEL-OVERALL, Patricia. A Theoretical Understanding of Teacher and Librarian Collaboration (TLC). **School Libraries Worldwide**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 24-48, 2005. Disponível em: <https://journals.library.ualberta.ca/slww/index.php/slww/article/view/6962>. Acesso em: 27 dez. 2021.

MOREIRA, Ardilhes. Governo federal está desde 2014 sem comprar livros de literatura para escolas públicas. **G1**. [S.L.], p. 01-02. 29 set. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/governo-federal-seguira-sem-entregar-novos-livros-de-literatura-para-bibliotecas-escolares-em-2018.ghtml>. Acesso em: 03 set. 2021.

MOTA, Camilla Veras. Por que o real é a moeda que mais se desvalorizou em 2020. **Bbc News**. São Paulo, p. 1-2. 15 out. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54549137>. Acesso em: 11 jun. 2021.

MOTA, Francisca Rosaline Leite. Bibliotecários e professores no contexto escolar: uma interação possível e necessária. In: SEMINÁRIO BIBLIOTECA ESCOLAR: ESPAÇO DE AÇÃO PEDAGÓGICA, 3., 2004, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: UFMG, 2004. p. 01-07. Disponível em: <http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/321.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2021.

MOYA, Álvaro de. **Shazam!** 3. ed. São Paulo: Perspectivas S.a., 1977. 344 p.

MOYA, Álvaro de. **História da História Em Quadrinhos**. [s.i]: L&pm, 1987. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/1989479/-book-moya-alvaro-historia-das-historias-em-quadrinhos>. Acesso em: 11 jun. 2021.

NAGADO, Alexandre (org.). **Cultura Pop Japonesa: histórias e curiosidades**. Histórias e curiosidades. 2011. Disponível em: <https://nagado.blogspot.com/2011/12/cultura-pop-japonesa-e-book-gratuito.html>. Acesso em: 11 jun. 2021.

NEIVA, Lucas Mello. Histórias em quadrinhos de aventura nas capas de A Gazetinha (1933-40) e de O Tico-Tico (1933-1946). In: JORNADAS INTERNACIONAIS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, 4., 2017, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Usp, 2017. p. 01-14. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/jornadas/anais/4asjornadas/artigos.php?artigo=q_h_cultura/lucas_mello_neiva.pdf. Acesso em: 11 jun. 2021.

NUNES, Martha Suzana Cabral. **Mediação da informação em bibliotecas universitárias brasileiras e francesas**. 2015. 221 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/18642/1/TESE%20%20Martha%20Suzana%20Cabral%20Nunes.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2022.

NUNES, Martha Suzana Cabral; SANTOS, Flaviana de Oliveira. Mediação da leitura na biblioteca escolar: práticas e fazeres na formação de leitores. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [S.L.], v. 25, n. 2, p. 3-28, jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/24116>. Acesso em: 17 fev. 2022.

OLIVEIRA, Altair Amaral de; FURTADO, Bruna Plath. A formação do leitor e a relevância das histórias em quadrinhos como incentivo à leitura. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE, 2016. Curitiba: SEED/PR., 2018. V.1. (Cadernos PDE). Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_port_unespar-campomourao_altairamaraldeoliveira.pdf. Acesso em: 31 ago. 2021.

OLIVEIRA, Gilberto Maringoni de. **Angelo Agostini ou impressões de uma viagem da Corte à Capital Federal (1986-1910)**. São Paulo, 2006. Tese (Doutorado em História Social) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-15092006-231444/publico/AGOSTINImaringoni.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2021.

PAIVA, Raquel Miranda Vilela. **A Biblioteca Escolar e os Nativos Digitais**. 2018. 186 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-BCVN84/1/ppgcienciainformacao_raquelmirandavilelapaiva_tesedoutorado.pdf. Acesso em: 31 ago. 2021.

PAJEÚ, Hélio Márcio; MAIA, Christina Marchetti; BASSOLI, Maíra Ester; LIMA, Thaís Aparecida. Uma nova proposta de classificação de histórias em quadrinhos. **Biblionline**, [S.L.], v. 3, n. 2, p. 01-10, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/1920/1689>. Acesso em: 27 dez. 2021.

PESSOA, Alberto Ricardo. **A linguagem das histórias em quadrinhos**: definições, elementos e gêneros. João Pessoa: UFPB, 2016. Disponível em: <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/book/72>. Acesso em: 28 jun. 2021.

PIMENTEL, Graça; BERNARDES, Liliane; SANTANA, Marcelo. **Biblioteca Escolar**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/biblio_esc.pdf. Acesso em: 31 ago. 2021.

PORTO, Walter (ed.). Papel mais caro deve empurrar preço dos livros para cima, dizem editoras. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 08 jan. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/walter-porto/2021/01/papel-mais-carro-deve-empurrar-preco-dos-livros-para-cima-dizem-editoras.shtml>. Acesso em: 11 jun. 2021.

RAMA, Angela. Os quadrinhos em aulas de geografia. *In*: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p. 1-155.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012. (Linguagem e ensino).

RAMOS, Paulo. Os quadrinhos em aulas de língua portuguesa. *In*: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012b. p. 1-155.

RAMOS, Paulo. Histórias em Quadrinhos na Formação de Professores: uma Discussão Necessária. *In*: Sara Pereira; Margarida Toscano. (Org.). **Literacia, Media e Cidadania**. 1 ed., Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS), 2015, v. , p. 432-443. Disponível em: http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/2254. Acesso em: 21 dez. 2021.

RANGANATHAN, Shiyali Ramamrita. **As cinco leis da Biblioteconomia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2009. Tradução de: Tarcisio Zandonade. Disponível em: <https://biblioteca.claretiano.edu.br/anexo/000074/000074df.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2021.

SANTANA FILHO, Severiano Farias de. O papel da biblioteca escolar na formação do leitor. *In*: 15º CONGRESSO DE LEITURA NO BRASIL, 2005, Campinas. **Anais...** Campinas, SP: UNICAMP, 2005. Disponível em:

https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais15/alfabetica/FilhoSeverinoFariasdeSantana.htm. Acesso em: 01 set. 2021.

SANTOS, Roberto Elísio dos; VERGUEIRO, Waldomiro. Revistas alternativas de quadrinhos no Brasil na década de 1970: uma análise de o bicho. **Revista Latinoamericana de Ciencias de La Comunicación**, [S.L.], v. 01, n. 12, p. 22-31, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/178/181>. Acesso em: 11 jun. 2021.

SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO DA UNB (Brasília). Universidade de Brasília. **Segundo volume de revista em quadrinhos sobre prevenção à covid-19 já está disponível**. 2021. Disponível em: <https://noticias.unb.br/112-extensao-e-comunidade/4929-segundo-volume-de-revista-em-quadrinhos-sobre-prevencao-a-covid-19-ja-esta-disponivel>. Acesso em: 03 set. 2021.

SERGIPE. Lei Ordinária nº 2824, de 18 de julho de 1990. Dispõe sobre a obrigatoriedade de construção e manutenção de bibliotecas e a admissão de bibliotecários em estabelecimentos de ensino pertencentes à rede estadual, institui o depósito legal em favor da biblioteca estadual e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado de Sergipe**. Aracaju, SE, Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/se/lei-ordinaria-n-2824-1990-sergipe-dispoe-sobre-a-obrigatoriedade-de-construcao-e-manutencao-de-bibliotecas-e-a-admissao-de-bibliotecarios-em-estabelecimentos-de-ensino-pertencentes-a-rede-estadual-institui-o-deposito-legal-em-favor-da-biblioteca-estadual-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 01 set. 2021.

SILVA, Andréia Gonçalves; SILVA, Leonardo Gonçalves. O acesso à informação jurídica através de histórias em quadrinhos e cartilhas; El Acceso a la Información Jurídica a Través de Libros de Historietas y Folletos. **Informação & Informação**, [S.L.], v. 17, n. 1, p. 166-183, 8 set. 2012. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/9019>. Acesso em: 03 set. 2021.

SILVA, Ginaldo Santos; NASCIMENTO, Gilvânia Andrade do. Leitura e Letramento: desafios na construção e formação de professores e novos leitores. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES E FÓRUM PERMANENTE DE INOVAÇÃO EDUCACIONAL, 12, 14., 2015, Acaraju. **Anais [...]**. Acaraju: Universidade Tiradentes, 2015. p. 01-14. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/enfope/article/view/1366/220>. Acesso em: 31 ago. 2021.

SILVA, Nadilson Manoel da. As Histórias em Quadrinhos tornam-se adultas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25., 2002, Salvador - Ba. **Anais [...]**. Salvador - Ba: Intercom, 2002. p. 01-17. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP16SILVA.pdf. Acesso em: 11 jun. 2021.

SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli. Reflexões sobre a leitura e a biblioteca escolar. In: SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli (org.). **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. 2. ed. São Paulo: ABECIN, 2018. 168 p. Disponível em: <http://www.repositoriobib.ufc.br/000042/00004232.pdf>. Acesso em: 01 set. 2021.

- SIQUEIRA, Carol. **Projeto adia para 2022 prazo para toda escola ter uma biblioteca.** 2020. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/692429-projeto-adia-para-2022-prazo-para-toda-escola-ter-uma-biblioteca/>. Acesso em: 01 set. 2021.
- SOLLITTO, André. **Muitos gibis para poucos leitores: o dilema do mercado de hqs. o dilema do mercado de HQs.** 2021. Disponível em: <https://neofeed.com.br/blog/home/muitos-gibis-para-poucos-leitores-o-dilema-do-mercado-de-hqs/>. Acesso em: 11 jun. 2021.
- SOUSA, José. Raul de; SANTOS, Simone Cabral Marinho dos. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. **Pesquisa e Debate em Educação**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 1396–1416, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/RPDE/article/view/31559>. Acesso em: 24 jan. 2022.
- SOUZA, Aldaci de. **Professora diz que sala de leitura não é biblioteca.** 2019. Disponível em: <https://al.se.leg.br/professora-diz-que-sala-de-leitura-nao-e-biblioteca/>. Acesso em: 01 set. 2021.
- SOUZA, Edvaldo de; TOUTAIN, Lídia Brandão. Histórias em quadrinhos: barreiras para a representação documental. **Pontodeacesso**, Salvador, v. 04, n. 01, p. 78-95, abr. 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/62367>. Acesso em: 27 dez. 2021.
- VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. A odisséia dos quadrinhos infantis brasileiros: parte 2: o domínio de maurício de souza e a turma da mônica. **International Journal Of Comic Art**, [S.L.], v. 1, n. 1, p. 1-4, mar./ago. 1999. Título original = Children's Comics in Brazil: From Chiquinho to Monica, A Difficult Journey. Disponível em: <http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/producao-academica/001072873.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2021.
- VERGUEIRO, Waldomiro. **Histórias em quadrinhos, Bibliotecas e Bibliotecários.** 2003. Disponível em: http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=137. Acesso em: 27 dez. 2021.
- VERGUEIRO, Waldomiro. Histórias em quadrinhos e serviços de informação: um relacionamento em fase de definição. **Datagramazero: Revista de Ciência da Informação**, [S.L.], v. 06, n. 02, p. 01-13, abr. 2005. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/44838>. Acesso em: 11 jun. 2021.
- VERGUEIRO, Waldomiro. A atualidade das histórias em quadrinhos no Brasil: a busca de um novo público. **História, Imagem e Narrativas**, [S.L.], v. 3, n. 5, p. 1-20, set. 2007. Disponível em: https://www.academia.edu/9240544/A_atualidade_das_hist%C3%B3rias_em_quadrinhos_no_Brasil_a_busca_de_um_novo_p%C3%BAblico. Acesso em: 11 jun. 2021.
- VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos. A postura educativa de O Tico-Tico: uma análise da primeira revista brasileira de histórias em quadrinhos. **Comunicação e Educação: revista do Departamento de comunicações e artes da ECA/USP**, São Paulo, v. 13, n. 02, p. 23-34, 30 ago. 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/42300/45971>. Acesso em: 11 jun. 2021.

VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: uma "alfabetização" necessária. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2012a.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das hqs no ensino. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2012b.

VARGAS, Alexandre Linck. De Buster Brown a Burroughs: introdução a uma genealogia irônica dos quadrinhos brasileiros. **Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas**, [S.L.], v. 31, n. 1, p. 09-24, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/633/451>. Acesso em: 08 jan. 2022.

VARGAS, Alexandre Linck. Essas horríveis histórias em quadrinhos. In: JORNADAS INTERNACIONAIS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, 3., 2015, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: USP, 2015. p. 01-15. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/jornadas/anais/3asjornadas/artigos.php?artigo=artigo_060620150941432.pdf. Acesso em: 11 jun. 2021.

XAVIER, Gláyci Kelli Reis da Silva. Histórias em quadrinhos: panorama histórico, características e verbo-visualidade. **Darandina: Revista eletrônica**, [S.L.], v. 10, n. 02, p. 01-20, dez. 2017. Disponível em: <https://www.ufjf.br/darandina/files/2018/01/Artigo-Glacy-Xavier.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2021.

YAMAGUTI, Vanessa. Os números do PNBE (2006-2014): a identificação dos quadrinhos nas escolas. In: JORNADAS INTERNACIONAIS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, 4., 2017, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Usp, 2017. p. 1-15. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/anais2ajornada/anais4asjornadas/artigos.php?artigo=q_e_letramentos/vanessa_yamaguti.pdf. Acesso em: 03 set. 2021.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DE COLETA DE DADOS

PESQUISA SOBRE AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E SEU USO NAS BIBLIOTECAS ESCOLARES DE FORTALEZA COMO RECURSO DE INCENTIVO À LEITURA - 10 min

Olá!

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa "Histórias em quadrinhos: um recurso de incentivo à leitura nas bibliotecas escolares de Fortaleza." A presente pesquisa entende que os quadrinhos são uma mídia bastante dinâmica e com elementos diversos, o que a torna um recurso com potencial para ser usada em escolas e bibliotecas escolares, de modo a despertar o interesse dos alunos pela leitura de modo geral, a criarem o hábito de ler e estar em contato com diferentes tipos de linguagem. Diante disso, pretende-se aqui fazer um levantamento da realidade das bibliotecas escolares de Fortaleza e de que modo elas fazem uso das histórias em quadrinhos.

Para participar, basta preencher o questionário a seguir, isso levará entre 10 e 15 minutos. As perguntas referem-se à opinião que o bibliotecário tem sobre as histórias em quadrinhos enquanto recurso para o ensino e leitura, a existência desse material no acervo e os tipos de atividades que são realizadas com as histórias em quadrinhos.

ATENÇÃO: Os dados fornecidos neste questionário serão utilizados apenas para fins acadêmicos, e os resultados serão divulgados de forma não identificados, respeitando a ética na pesquisa e pesquisa científica e evitando qualquer tipo de constrangimentos para os profissionais que se dispuseram a responder o questionário ou para a instituição de ensino na qual trabalham. Destacamos que sua identidade **SEMPRE SERÁ MANTIDA EM SIGILO**, sem qualquer tipo de exposição, em qualquer situação que aconteça a divulgação dos resultados. Os dados coletados abaixo, são apenas para fins de organização, e **NÃO SERÃO REVELADOS** em qualquer tipo de publicação científica ou veículo de comunicação independente do suporte ou formato.

Ademais, sua contribuição com esta pesquisa será essencial para compreendermos de que modo as histórias em quadrinhos estão sendo utilizadas nas bibliotecas escolares e se elas podem trazer benefícios para os alunos, contribuindo para o desenvolvimento do seu interesse pela leitura e por temáticas diversas.

Ao clicar na opção abaixo, você concorda em participar da pesquisa no termos deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Caso haja alguma dúvida sobre o que foi disposto anteriormente ou sobre as perguntas a seguir, mande uma mensagem para o pesquisador responsável por meio dos contatos.

Pesquisador responsável: Flávio Sousa - flavioj14@gmail.com - (85) 99610-8500

1. E-mail. *
2. Nome da instituição de ensino. *
3. Você aceita participar desta pesquisa dentro dos termos estabelecidos anteriormente? *

Sim *Pular para a pergunta 4*

Não

4. 1. Que atividades a sua biblioteca realiza para despertar nos alunos o interesse pela leitura e ajudá-los a desenvolver o hábito de ler? *
5. 2. De que maneiras a sua biblioteca colabora com os professores no dia-a-dia das aulas?
6. 3. Qual a sua opinião sobre a presença das histórias em quadrinhos nas bibliotecas escolares? *
7. 4. Quais vantagens e/ou desvantagens você acredita que as histórias em quadrinhos podem trazer para o desenvolvimento da leitura e aprendizado dos alunos? *
8. 5. A biblioteca escolar onde você trabalha, possui histórias em quadrinhos no acervo? *

Sim *Pular para a pergunta 9*

Não *Pular para a pergunta 17*

9. 6. Quais os tipos de histórias em quadrinhos sua biblioteca possui? *

A opção "Trinhas" está com um erro de digitação, o correto é "Tirinhas". Infelizmente não consigo corrigir o item sem alterar o gráfico gerado pelas respostas anteriores. Peço desculpas pelo equívoco.

Marque todas que se aplicam.

Super-heróis

Mangá

Adaptação de obras literárias

Trinhas

Infanti

1 Outro:

10. 7. De que forma os quadrinhos são classificados e organizados em sua biblioteca?
11. 8. Na biblioteca onde você trabalha, os quadrinhos são disponibilizados para empréstimo ou apenas para leitura local? *
12. 9. Os alunos e/ou professores se interessam pelos quadrinhos? O que a sua biblioteca faz para promover seu acervo de quadrinhos? *
13. 10. Que tipos de atividades a sua biblioteca realiza utilizando as histórias em quadrinhos? *
14. 11. Essas atividades são voltadas para estudantes do ensino: *

Marque todas que se aplicam.

Infantil

Fundament

al Médio

15. 12. De quais séries são os alunos que mais costumam se interessar pelas histórias em quadrinhos?
16. 13. Os professores já utilizaram ou ainda utilizam as histórias em quadrinhos na sala de aula? Quais disciplinas eles ministram?
17. 6. Os usuários que frequentam a sua biblioteca já demonstram interesse por histórias em quadrinhos?
18. 7. Caso a biblioteca tenha identificado o interesse dos usuários por histórias em quadrinhos, quais medidas foram tomadas para incorporar esse material no acervo? *
19. 8. Se a sua biblioteca possuísse histórias em quadrinhos, que tipos de atividades você poderia/gostaria de realizar utilizando esse material? *

Marque todas que se aplicam.

Leituras em grupo

Debates sobre a história e arte

Debates sobre personagens e suas
características Debates sobre a temática
abordada no quadrinho Produção de uma
história em quadrinhos
Contaçon de histórias

Outro:

20. 9. Na sua opinião, por qual motivo a biblioteca onde você trabalha ainda não possui histórias em quadrinhos no acervo? *